**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**ANÁLISE EXPLORATÓRIA SOBRE O SINTOMA DE AUTOMUTILAÇÃO
PRATICADA COM OBJETOS CORTANTES E/OU PERFURANTES,
ATRAVÉS DE RELATOS EXPOSTOS NA INTERNET POR UM GRUPO
BRASILEIRO QUE SE DEFINE COMO PRATICANTE DE AUTOMUTILAÇÃO**

Adriana Vilano Dinamarco

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2011

Adriana Vilano Dinamarco

ANÁLISE EXPLORATÓRIA SOBRE O SINTOMA DE
AUTOMUTILAÇÃO PRATICADA COM OBJETOS CORTANTES
E/OU PERFURANTES, ATRAVÉS DE RELATOS EXPOSTOS NA
INTERNET POR UM GRUPO BRASILEIRO QUE SE DEFINE
COMO PRATICANTE DE AUTOMUTILAÇÃO

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Avelino Luiz
Rodrigues.

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dinamarco, Adriana Vilano.

Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na Internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação / Adriana Vilano Dinamarco; orientador Avelino Luiz Rodrigues. -- São Paulo, 2011.

182 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Automutilação 3. Sintomas 4. Ansiedade
5. Ciberespaço 6. Contemporaneidade I. Título.

RC504

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Avelino Luiz Rodrigues, pela orientação, dedicação, apoio, confiança e contribuições valiosas durante toda minha trajetória no mestrado e para minha vida. Sempre presente como orientador e amigo estimado.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Araújo Andrade, por sua leitura cuidadosa, acolhimento, contribuições sobre esta dissertação e disponibilidade.

À Profa. Dra. Yara Monachesi, por sua dedicação, contribuição e disponibilidade. Pela sua presença e apoio desde minha graduação.

Aos Colegas do Laboratório Sujeito e Corpo (Sucor) pelas contribuições e colaboração durante todo mestrado e anteriormente.

Aos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* que com coragem e sensibilidade escreveram sobre suas experiências de vida.

Aos meus pais, por acreditarem em meus sonhos.

Ao Thomas M. Andrade que segurou minha mão e apoiou-me sempre que necessário.

Ao Marlo Tacla Junior pela leitura cuidadosa do texto desta dissertação.

Ao meu filho, George Newton Dinamarco que com seus abraços acalentou-me.

À minha Avó, Oraide Bispo Vilano que me ensinou desde cedo a ouvir histórias de vida e compreender que eram singulares.

Para minha avó, Oraide Bispo Vilano.

Por que fecha sempre as janelas?
E por que devo abri-las?
E por que as abre de repente e assusta
as gentes e grita?
O corpo é quem grita esses vazios tristes
Por que não alimenta o corpo com
benquerença, aceitando o agrado dos
outros?
Porque o corpo está morto
E a alma?
A alma é hóspede da Terra, procura e te
olha os olhos agora, e te vê cheio de
perguntas (Hilda Hilst, *A Obscena
Senhora D*, 1982)

DINAMARCO, A.V. (2011) *Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na Internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação.*

Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a análise exploratória da automutilação, com o intuito de investigar as representações mentais e os significados presentes neste ato, sob os referenciais teóricos da Psicanálise segundo as perspectivas de Sigmund Freud e autores correlatos, que utilizam este referencial para argüir sobre os sintomas na contemporaneidade. O objeto de estudo são os relatos e informações expostas por um grupo brasileiro que se denomina praticante de automutilação com objetos cortantes e perfurantes, encontrado em uma rede de relacionamentos amplamente divulgada e de domínio público, o Orkut, sob o nome de *Self-Mutilation Addicts*. A coleta de dados foi dividida em: dados de variáveis descritivas (*home* dos integrantes desse grupo) que contam com requisitos básicos impostos pelo *site* para inclusão no Orkut; coleta dos relatos expostos na comunidade *Self-Mutilation Addicts* (algumas citações da *home* destes integrantes além da escolha de alguns livros e filmes, que posteriormente foram analisados segundo o referencial psicanalítico). Para os relatos analisados segundo a interpretação psicanalítica, usou-se como parâmetros os fundamentos teóricos sobre a formação do sintoma, da angústia, da ritualização e da compulsão à repetição, descritos por Freud e outros autores como Lacan e Laplanche, assim como a análise do período sócio-histórico e cultural exposta por autores como Slavoj Zizek, Joel Birman, Nelson da Silva Junior, Gilles Lipovetsky e outros. Esta pesquisa visa trazer maior compreensão do sintoma de automutilação e espera-se assegurar a continuidade dos estudos mesmo após sua conclusão.

Palavras-chave: Psicanálise, automutilação, sintoma, ansiedade, ciberespaço, contemporaneidade.

DINAMARCO, A. V. (2011) Exploratory analysis on the symptom of self-mutilation practiced with sharp objects and/or perforating through reports exposed on the Internet by a Brazilian group that defines itself as a practitioner of self-mutilation.

Master's thesis, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

The goal of this work is the exploring analysis of the self-mutilation, in order to investigate the mental representation and the meanings within this act, over the referential theory of Psychoanalysis according to Sigmund Freud's perspectives and correlated authors that use this referential to question about the symptoms on modern society. The study subjects are stories and information from a Brazilian group that proclaim to practice self-mutilation with razor edge and piercing objects, found in a widely publicized and under public domain social network, known as Orkut, under the nickname Self-Mutilation Addicts. The gathering of data will be divided between Variable Descriptive Data (Group homepage), that illustrates the basic requirements held by the website for the inclusion on Orkut; collection of exposed data on the web community Self-Mutilation Addicts; some members quotations from the homepages and the choice of some books and movies that further more will be analyzed according to the psychoanalytic interpretation, using fundamental theory parameters over symptoms formation: the torment, the rite and the repetition urge described by Freud and other authorities such as Lacan and Laplanche, as well as historical, social and cultural time analysis described by authors such as Slavoj Zizek, Joel Birman, Nelson da Silva Junior, Gilles Lipovetsky and others. This research seeks to find greater understanding on the self-mutilation symptom and hopes to assure its ongoing studies even after its conclusions.

Keywords: Psychoanalysis, self-mutilation, sintomy, anxiety, cyberspace, contemporaneity.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
1.1.	A contemporaneidade e a automutilação	12
1.2.	Justificativa	16
1.3.	Objetivos.....	18
1.4.	Hipótese	18
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1.	A automutilação.....	19
2.2.	A automutilação como sintoma e o aparecimento da compulsão pela repetição	22
2.3.	A angústia.....	28
2.4.	A dor	29
2.5.	O corpo na contemporaneidade	33
2.6.	O corpo no ciberespaço.....	36
3.	MÉTODO.....	39
3.1.	Abordagem de investigação psicanalítica.....	41
3.2.	Participantes	42
3.2.1.	Localização dos participantes.....	42
3.2.2.	Caracterização dos participantes e critérios de elegibilidade	42
3.3.	Instrumentos	42
3.3.1.	Sobre o instrumento	42
3.3.1.1.	Caracterização do instrumento.....	43
3.4.	Procedimentos e coleta de dados.....	44
3.4.1.1.	Estabelecimento de categorias.....	47
3.5.	Procedimento de análise de dados.....	48

4.	RESULTADOS	49
4.1.	Resultados do perfil dos integrantes do grupo / variáveis descritivas..	51
4.2.	Resultado da análise qualitativa	55
4.2.1.	Análise interpretativa das variáveis descritivas: Livros e Filmes.	55
4.3.	Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha dos livros e filmes.....	58
4.3.1.	Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha de cada livro.....	58
4.3.2.	Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha de cada filme.	73
4.3.3.	Resultado geral da análise dos livros e filmes.....	84
4.4.	Análise dos conteúdos dos tópicos da comunidade <i>Self-Mutilation Addicts</i>	85
4.4.1.	Tópicos	85
4.4.1.1.	Tipos de objetos cortantes (data 12.12.2004)	85
4.4.1.2.	Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica.....	86
4.4.1.3.	Trilha sonora (data 01.12.2004)	88
4.4.1.4.	Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica.....	88
4.4.1.5.	Auto Flagelamento (data 08.08.2004)	90
4.4.1.6.	Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica.....	90
4.4.1.7.	Cortes: Simplesmente Estético ou doença? (data 06.08.2004).....	91
4.4.1.8.	Descrição comentada dos conteúdos deste tópico, com o uso da interpretação psicanalítica.....	92
4.4.1.9.	Forma (data 20.11.2004).....	93
4.4.1.10.	Descrição comentada dos conteúdos deste tópico, com o uso da interpretação psicanalítica.....	93

5.	CONCLUSÃO	94
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
	REFERÊNCIAS ÁUDIO-VISUAIS	114
	ANEXOS	116

1. INTRODUÇÃO

1.1. A contemporaneidade e a automutilação

E Clarisse está trancada no banheiro
E faz marcas no seu corpo com seu pequeno canivete
Deitada no canto, seus tornozelos sangram
E a dor é menor do que parece
Quando ela se corta ela se esquece
Que é impossível ter da vida calma e força
Viver em dor, o que ninguém entende
Tentar ser forte a todo e cada amanhecer
Uma de suas amigas já se foi
Quando mais uma ocorrência policial
Ninguém me entende, não me olhe assim
Com este semblante de bom-samaritano
Cumprindo o seu dever, como se eu fosse doente
Como se toda essa dor fosse diferente, ou inexistente
Nada existe p'rá mim, não tente
Você não sabe e não entende...
Um mundo onde a verdade é o avesso
E a alegria já não tem mais endereço...(Legião Urbana, 1997,
álbum *Uma outra estação*, música: *Clarice*)

As modificações corporais irreversíveis, tais como tatuagens, *piercings*, implantes subcutâneos e automutilações tornaram-se temas de vários pesquisadores, tais como Paolla Mielle, Nelson da Silva Jr., Ana Costa, Karl Menninger e Slavoj Zizek, pela abrangência e o aumento de adeptos a estas práticas nos dias atuais.

Se anteriormente as modificações corporais estavam ligadas a ritos de passagens em algumas tribos, ou à inclusão em um meio social, na contemporaneidade o feitio destas marcas apresenta-se globalizado.

Guy Debord (1997) nomeia o mundo contemporâneo como a Sociedade do Espetáculo, onde o ser humano vive a exacerbação da sua imagem física como a possibilidade de existir para o outro. A busca incessante da sua perfeição física é semelhante à interpretação do ator que ao subir no palco procura sempre apreender o olhar do outro; cada apresentação é uma tentativa

através do aperfeiçoamento de cada gesto, voz, postura de ser notado pela platéia. O retorno do seu público dependerá de quanto ele conseguirá manter a atenção para o seu personagem enquanto ele estiver no palco. O ator está destacado da platéia, em um lugar único, com todas as luzes voltadas para si. Enquanto os espectadores encontram-se no escuro, com risos e comentários diluídos a tal ponto que não se pode perceber quem os fez.

Assim é o humano contemporâneo, a vida para ele existe quando ele é notado pelo outro, na sua enganosa atuação de completude e perfeição ditada por uma sociedade, cuja subjetividade da imagem substituiu a subjetividade do discurso. O corpo então é usado como o primeiro receptor do olhar do outro, se o humano não é notado, ele se dilui como as vozes dos espectadores na platéia com as luzes apagadas. Logo, ele se torna só mais um na multidão, fragmentando-se entre murmúrios que não vem de um determinado corpo que está situado em algum lugar, não se nota quem emitiu os sons; eles se perderam do seu emissor e ganharam a amplitude do lugar nenhum: da errância.

Neste contexto, o humano, na tentativa desesperada de resgatar seu corpo diluído na grande massa social, recorre a formas extremas, fazendo mais do que o necessário para se sentir vivo e capturado pelo olhar do outro.

As marcas corporais evidentes na pele surgem da possibilidade do humano conseguir sua singularidade, ao mesmo tempo em que demarca o seu lugar e do outro através da camada mais superficial do corpo.

Os aparecimentos dos sintomas na pele estão associados à subjetividade imagem que é um aspecto da sociedade contemporânea, confirmando o que Freud (1930) escreveu em *Mal estar da cultura* sobre a predominância de alguns sintomas ou psicopatologias ligados a um momento social e histórico.

Segundo Slavoj Žižek (2003), o corpo, na sociedade contemporânea, seria coisificado, perdendo sua individualidade, ganhando campo de discussões políticas, estéticas e biológicas. O que é ser mulher ou ser homem

é então catalogado como o esperado de cada gênero e o que não é contido no gênero ganha outra classificação, não das experiências individuais do sujeito, mas da classe que utiliza o gênero tal para conseguir prazer de alguma forma. O motor que moveria a posição do corpo na sociedade contemporânea é delimitado sob a forma de obter prazer ou modificá-lo para se obter um prazer além do esperado.

Nesta compulsão globalizante da busca do prazer, no delírio coletivo de ter e consumir cada vez mais, o ser humano perde suas características.

Outra vez, nota-se que é a subjetividade da imagem que se faz presente: se o indivíduo tem uma tatuagem, e o outro o nota, ele existe, porque há o olhar do outro, percebendo um enigma proposto pela marca: o significante que atravessa o corpo.

A pergunta “Decifra-me ou devoro-te” (Sófocles, *Édipo Rei*) estaria na marca, exigindo a solução do enigma; e não obtendo o resultado seria: “você me verá com seus olhos, não conseguirá decifrar, assim eu o devorarei, e devorando eu repetirei, até que após tantas repetições, eu mesmo esquecerei o que significa e me devorarei. Então serei a marca e igual a vocês.”

Após inúmeras repetições feitas como uma tentativa de obter o mesmo prazer que sentiu em ter sua primeira marca na pele, o significado do ato se perde, mas a compulsão em fazer outras marcas continua. Agora revestido por um prazer momentâneo de se fazer vivo na captura do olhar do outro que surge através do enigma da apreensão do sujeito possuidor de uma marca que diferencia dos demais seres humanos.

Reisfeld (2004) assim como Jean Luc Gaspard (2008) postulam que o excesso de tatuagens ou marcas corporais irreversíveis feitas pelo sujeito estariam ligadas a um comportamento que busca o prazer na quebra do limite, semelhante à personalidade encontrada nos adictos. Reisfeld (*Ibid*) separa os indivíduos tatuados em dois grupos: aqueles que possuem algumas tatuagens, estas que marcam uma tentativa de resolução do conflito Edipiano, poucas e

possíveis de serem escondidas; e aqueles que são as tatuagens, quando as marcas ganham tal proporção em seus corpos que o significado inicial se perde e o prazer da repetição ganha campo. Além disto, Reisfeld propõe que a pele serve como um depósito de afetos, como se a existência da marca permitisse ao sujeito não se fragmentar com o meio, marcando uma certeza que nela ele está presente através da diferença do corpo do outro.

Paola Mielle (2002) expõe que as marcas ressaltam não só a tentativa de inscrição do sujeito no laço social como também o surgimento da sua imagem na borda física (pele) entre o eu e o outro. Logo, quando outro vê a marca, ela causa algum afeto entre ele e o sujeito, mesmo que o significante não seja revelado, a imagem do sujeito é presa pelo outro por esta marca. A existência do sujeito é então ligada através da imagem da modificação corporal. Um exemplo claro é a referência de alguém através da fala “Lembra da Maria? É aquela que tem uma tatuagem de morcego nas costas”. A marca ganha o lugar da imagem totalizante do sujeito, engolindo-o. Mielle (*Ibid*) chamou esta marca de *puctum*: local de reconhecimento do sujeito. O *puctum* seria formado pela *Landmark* que segundo a autora possui as seguintes características:

Designar os limites de um território;
Objeto proeminente que marca uma localidade, muitas vezes histórica, objeto elevado que serve de guia.
Acontecimento, que é ponto de virada de um certo período.
(Mielle, 2002, p.16)

Maia (2003) propõe que as modificações irreversíveis do corpo podem funcionar como um ato de autoproteção ou preservação, porque estes cortes dariam a possibilidade da criação de uma nova identidade, anteriormente aniquilada pelo olhar do outro. O novo corpo-imagem resgataria a volta do olhar do outro.

O sujeito contemporâneo estaria procurando o seu lugar no mundo atual ao realizar estas marcas. Talvez como a única possibilidade em curto prazo para que ele perceba-se como um ser singular, diferenciado do outro. O

aumento dos casos de automutilação seria a evidência desta busca neste período sócio-cultural e histórico.

1.2. Justificativa

A proposta deste projeto de pesquisa surge no mundo globalizado, no qual a Internet funciona como ponto de ligação entre homens das mais diversas culturas. Sendo a revolução digital uma forte marca do século XX e XXI, possibilitando a grupos, outrora marginalizados ou negados pela sociedade atual, alegarem e afirmarem suas existências.

Além disto, a automutilação é a prática que apresenta o maior crescimento entre os adolescentes, segundo um estudo publicado por Nancy Heath (2007), professora do Departamento de Educação e Aconselhamento Psicológico da Universidade McGill, Montreal, Canadá. Após pesquisa realizada com adolescentes de 12 a 16 anos, ela verificou que 13,9% deste grupo já haviam cometido alguma agressão contra o próprio corpo e que entre 14% e 39% dos adolescentes americanos já praticaram algum tipo de automutilação.

Entretanto, o fenômeno da automutilação é complexo, pois o mesmo tipo de ritual de automutilação pode ser observado em pessoas de personalidade perversa, psicóticas, *borderlines*, ou com neuroses graves.

Em *Mal Estar da Cultura*, Freud (1930) relata que alguns indivíduos sempre se sentem solitários, à margem da sociedade, pois para eles as regras sociais e o andar da sociedade são cruéis e o mundo externo é quase sempre agressor e segregador.

Se para alguns indivíduos é viável o mecanismo de sublimação, do fantasiar, ou da ilusão como defesas para o afastamento da angústia ou da sensação de estranheza causada pela realidade, para outros esta possibilidade

é inviável, pois eles estão submetidos a um superego extremamente rígido, sempre pronto a infligir sofrimento ao ego.

Muitos indivíduos que outrora buscavam no isolamento a possibilidade narcísica de obtenção de prazer, com o advento da Internet puderam desfrutar, ainda que anonimamente, da possibilidade de encontrar alguém semelhante em seu sintoma. Mesmo que narcisicamente, buscando o “igual”, eles obtiveram por meio deste grupo uma marca na sociedade.

Uma vez no grupo, sua voz não repercutirá sem eco. Ainda que volte para ele mesmo, voltará com força, retornará como um grito de um grupo, de um clã, o qual possibilita a exposição do sintoma velado, bem como a livre associação e coesão de idéias.

Segundo Pichon Riviére (1998), ainda que a personalidade individual apareça, há a tendência, com o passar do tempo, de homogeneização de um grupo, ressaltando os aspectos grupais que os unem e resultando na perda de alguns elementos individuais. Posteriormente, há a formação da personalidade do grupo. É mediante esta posição teórica que existe a possibilidade de verificar o sintoma de automutilação, percebendo a estrutura existente deste em um plano mais amplo: em um grupo.

O primeiro movimento para a pesquisadora deste projeto foi a procura de um grupo brasileiro que se denomina como praticante de automutilação, entendendo assim a cultura em que esse grupo estaria inserido, seus aspectos sociais e psicológicos. O grupo foi encontrado em uma rede de relacionamentos amplamente divulgada e de domínio público, o Orkut, sob o nome de *Self-Mutilation Addicts*.

Partindo da premissa exposta por Japiassu (1983), de que é através do olhar dos microcosmos que surge a possibilidade de abrir o conhecimento para áreas ainda não exploradas. A autora desta dissertação entende a comunidade exposta no Orkut como um microcosmo.

O ponto de coesão deste grupo é a mesma prática, apresentada por diferentes pessoas.

1.3. Objetivos

O objetivo micro desta dissertação é a análise exploratória sobre o sintoma de automutilação na vida destes integrantes, praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na Internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação.

O objetivo macro desta dissertação é investigar o significado da automutilação no mundo dos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts*, através de suas experiências de vida e o sentido do sintoma da automutilação para o grupo.

1.4. Hipótese

A hipótese levantada para esta pesquisa é a de que mediante a compreensão da experiência dos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* (microcosmos) possa existir um melhor entendimento do sintoma de automutilação na contemporaneidade (macrocosmos).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A automutilação

Forjado a partir da raiz grega *autos* (“si mesmo”) e do verbo latino *mutilare* (“mutilar, retalhar, cortar”), o termo “automutilação” designa, no vocabulário psiquiátrico, as condutas caracterizadas por lesões físicas provocadas em si mesmo, pelo próprio sujeito, e cuja significação se apresenta muito diversa; alguns autores propuseram o termo “gestos com efeitos autovulnerantes”, o que não pressupõe a intencionalidade. Segundo Carraz, R., Ehrhardt, Y (1973 apud Dicionário Internacional da Psicanálise, 2005, p. 199).

Karl A. Menninger (1938) em seu livro *Eros e Tânatos, o homem contra si próprio*, no capítulo *Automutilação*, conclui que a automutilação é compreendida como um impulso suicida direcionado a uma parte do corpo. Esta conclusão é fundamentada através da análise psicanalítica feita por Karl mediante o que era relatado por seus pacientes. Entre vários casos clínicos, ele ressalta o relato de um paciente que cometeu filicídio. Após tal ato já internalizado, este paciente se corta, chegando a amputar a mão que realizou o assassinato da filha. Durante a análise, ele diz que durante toda sua vida foi acompanhado por um sentimento de angústia, sendo que ele encontrou, no assassinato da filha, a possibilidade de impedi-la de também viver com a melancolia e a culpa sentidas por ele. Expõe também que a culpada de tudo isto seria sua própria mãe. Mediante a análise deste sujeito, Karl comenta a provável transferência do ódio que o paciente sentia pela mãe, para sua filha. Nesta linha de raciocínio, ele conclui que a mutilação seria um episódio de reparação do assassinato, visto como um ato autopunitivo. O autor conclui também que este paciente poderia estar parcialmente identificado com a mãe e com a filha, não existindo o limite entre o *eu* e os *outros*. Neste caso, a automutilação seria um fator apresentado no curso de uma neurose, ou como parte dela.

Como diferenciar a automutilação em pacientes psicóticos e neuróticos? Para Karl A. Menninger, em psicóticos a automutilação não seria um corte escondido e apresentaria formas bizarras, como amputações e mudanças radicais das funções de membros do corpo (braço, pênis, pés e mãos); já em neuróticos a automutilação seria feita através de cortes escondidos e representaria uma relação de compromisso entre os impulsos destrutivos (punição) e a consciência (expição da culpa), quando o *eu* estaria submetido a uma censura rígida que exige a automutilação como expiação da culpa. Nota-se que não há extinção da culpa, mas sim uma atenuação que permitiria ao sujeito continuar a viver. Nesta relação de compromisso a culpa volta-se para um órgão do corpo, no exemplo acima - a amputação da mão.

Ainda segundo Karl A. Menninger, o que determina o ato de automutilação não é o grau de severidade da mutilação, mas sim a natureza dela. O roer as unhas repetitivo seria um ato de automutilação associada ao compromisso entre as “satisfações culpadas” e a punição. Exemplificando: a mãe repreende a criança que morde as unhas e a criança desejando punir a mãe continua seu comportamento de satisfação culposa em roer as unhas. No capítulo *Automutilação* são citados diversos casos de automutilação: alguns se referem a pacientes que arrancavam os cabelos compulsivamente, outros a pacientes que realizavam cortes contra o próprio corpo. Em todos eles Karl pôde perceber um mecanismo de relação de compromisso do desejo inalcançável (fosse trocar de gênero sexual, matar o irmão ou os pais, masturbar-se, desejar o cunhado) e da moral do eu. O sujeito, incapaz de realizá-lo (ainda que não tenha consciência de seu desejo), sente-se tão culpado que inicia uma punição a um determinado órgão do corpo, deslocando e reduzindo o todo (corpo) pela parte (órgão, pele, cabelos). Para este autor, a automutilação deriva de um desejo sexual não realizado, deslocado e reduzido a outra parte do corpo, que seria então erotizada posteriormente pela automutilação realizada como um ato compulsivo repetitivo e carregado de culpa.

Na literatura psicanalítica, um dos casos mais conhecidos que relata um episódio de automutilação é *O Homem dos Lobos*¹ (nome dado a Serguéi Pankejeff, por Freud, que relata o caso clínico em *História de uma Neurose Infantil*, 1918). Este paciente, quando em análise com Ruth Bruwisch² (1928) expõe que uma vez, ao visitar a mãe, viu uma verruga no nariz dela, solicitando que ela a tirasse, mas a mãe rejeitou a idéia. Posteriormente ele começa a pensar no seu próprio nariz, achando uma espinha e espremendo-a insistentemente até ferir seu próprio nariz. Não satisfeito, *O Homem dos Lobos* procura um dermatologista que o submete a um tratamento prolongado visando desobstruir as glândulas sebáceas do nariz, causando ainda mais cicatrizes. Karl Menninger (1938) divulga que este episódio de automutilação demonstra o desejo do *Homem dos Lobos* de identificação tanto com sua mãe, quanto com sua irmã, vendo-se como uma continuidade delas, desejando ser uma mulher: ser como elas.

Ana Costa (2003) em seu livro *Tatuagem e Marcas Corporais*, disserta sobre as modificações corporais (tatuagens, *piercings*, automutilações, escarificações) e pontua a necessidade do humano em colocar limites entre o *eu* o mundo externo, acreditando que estas marcas determinariam estes limites. Esta autora relata a situação de masoquismo e o prazer do corte naqueles que apresentam a automutilação, comentando que o local marcado torna-se erotizado, como um enigma de apreensão do olhar do outro. A marca é o ponto que o sujeito busca sua identificação singular, como alguém que existe em um mundo onde todos são iguais.

Um dos aspectos interessantes da automutilação é seu caráter irreversível à estrutura anatômica da pele, através da cicatriz. Paola Mielle (2002), no seu texto *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo*, pontua que a realização do corte estaria ligada à possibilidade do indivíduo conseguir uma estabilidade em sua identidade subjetiva, marcando a separação entre ele e o

¹FREUD, Sigmund **História de uma Neurose Infantil** (1918) Obras Completas de Sigmund Freud Vol XVI Editora DELTA)

² BRUWISCH, Ruth Mack, **the infantile Neurosis, Further Analysis**, International Journal of Psychoanalysis, outubro, 1928.

outro. Ela chama esta marca de *Landmark*, que é a marca de limites territoriais, na qual pode estar inscrita parte da história do indivíduo, ou ainda revelar um acontecimento: a passagem de um estado a outro (acontecimento importante na vida do sujeito). Para ela a *Landmark* seria um ponto erotizado, por evidenciar as características expostas acima. Esta autora não diferencia os mecanismos que levam o sujeito a realizar a automutilação dos mecanismos do feitiço da tatuagem.

O olhar do outro pode ser considerado como um dos principais elementos que diferenciam a automutilação da tatuagem. A última é feita para ser exibida, para ser revelada, é uma forma de individualização de caráter notoriamente evidente e só consegue cumprir este papel através da captação do interesse alheio. Ainda que a princípio a imagem possa estar oculta, ou feita “somente para si”, é normal que seja revelada para pessoas escolhidas, especialmente em ligações afetivas mais profundas, ritual que reforça ainda mais sua função de marca individualizatória. Na automutilação, ao contrário, o indivíduo vê na visão do outro a possibilidade do julgamento, do preconceito, do hostil, então ele a esconde - e aqui não é para mostrar posteriormente como prêmio por ganho de intimidade, mas sim com o intuito de não ser mesmo descoberto em sua ação – ou a disfarça, por exemplo, cobrindo-a com uma tatuagem.

2.2. A automutilação como sintoma e o aparecimento da compulsão pela repetição

“What you mean is you can’t believe her hands are so cold. You can’t believe she doesn’t care. That she wonders if she’s dead or alive. To sleep. Wait for the time to pass by. But time isn’t harmless. Girls carry scars. They choke near to the fire. They smile with scret. They wear the razorblade as a mirror. They get to heaven when they’re bleeding.” (Paula, 2004 - escritora e membro de um grupo norte-americano de automutilação).

De acordo com Neuter (1997, p. 248) “o sintoma fala mesmo àqueles que não sabem ou não querem ouvi-lo. Ele não diz tudo. Mais ainda, esconde o fundo do seu pensamento, mesmo àqueles que querem dar-lhe ouvidos. O

próprio portador dessa mensagem ignora seu autor, tanto quanto seu destinatário.”

Freud (1926), no seu texto *Inibição, sintoma e angústia*, relata que o aparelho psíquico, ao se defrontar com uma pulsão inaceitável à moral do *eu* ou com o equilíbrio da vida psíquica, irá tentar afastá-lo da consciência. Este trabalho seria realizado pelo *eu* que possui a função de desviar a pulsão intolerável e torná-la inacessível à consciência, recalcando a pulsão. Entretanto o recalque muitas vezes é falho. Exemplificando: ao se colocar uma panela cheia de água sobre o fogo, após alguns minutos a água entrará em ebulição. Para contê-la é necessário colocar uma tampa. A princípio a tampa funciona, mas a força da ebulição é tanta que levantará a tampa, permitindo assim que uma parte da água já em estado gasoso ganhe o mundo externo à panela. Note que a água passou de um estado ao outro (líquido para gasoso), ficando irreconhecível à tampa, levantando-a por sua força de ebulição. Semelhante mecanismo ocorre com as pulsões que são recalçadas pelo *eu*. A princípio o recalque as conterá. Entretanto a força deste estímulo é tamanha, pois se junta a outros estímulos que anteriormente também estavam recalcados, que ele emergirá a superfície, transformado, modificado de tal modo que se torne irreconhecível. O produto que emerge é o resultado do que Freud intitula de “o sintoma”, que é a realização da pulsão agora modificada a tal ponto que está irreconhecível à consciência, permitindo que o indivíduo tenha algum prazer na sua realização e causando um desprazer aceitável ao *eu*.

O sintoma proporciona, a partir da sua instalação, uma falsa segurança de estabilidade ao *eu*, pois, ao fazê-lo, o indivíduo retorna à posição anterior à invasão dos impulsos nocivos ao funcionamento psíquico.

No período de 1918 a 1919, Freud compreendia que o aparelho psíquico era regido pelo princípio do prazer e este seria o responsável pela contenção do recalque. Posteriormente, no texto *Além do princípio de prazer* (1920) ele questionaria o porquê do *eu* aceitar algum desprazer na realização da pulsão modificada. Como observado na compulsão à repetição que ocorria em pacientes neuróticos que mesmo após entrarem em contato com o trauma real

ou fantasiado e/ou desejo o sintoma não desaparecia, mas sim se deslocava formando outro ritual compulsivo. Evidenciando a falha do recalque e consequentemente outro mecanismo de desvio da pulsão que não estaria contido no princípio de prazer. Para responder esta questão Freud busca, a partir do brincar repetitivo da criança, a compreensão da compulsão à repetição. Ele observa que a criança, ao realizar a repetição da brincadeira, tenta conter a ansiedade, concluindo que o significado do infante analisado estava associado à proteção psíquica da criança para que esta não se sentisse exposta passivamente à ausência da genitora, cabendo ao infante decidir quando o brinquedo deveria retornar e jogá-lo longe, dizendo a si mesmo “sou eu que não quero você”, vingando-se simbolicamente da mãe e ao mesmo tempo tentando regressar à posição anterior a ausência materna.

De acordo com Freud (1920):

A criança, afinal de contas, só foi capaz de repetir sua experiência desagradável na brincadeira porque a repetição trazia consigo uma produção de prazer de outro tipo, uma produção mais direta. (p. 28)

(...) Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos (p. 34)

Freud (*Ibid*) conclui que a repetição não traz o prazer necessário, ela apenas tenta ligar a energia solta gerada pela vivência do abandono.

Com a finalidade de explicar como o sintoma se origina, Freud lança mão do modelo do funcionamento biológico no texto *Além do princípio de prazer*, comparando-o com os mecanismos de defesa do aparelho psíquico. A camada superficial protege o corpo biológico dos estímulos nocivos, assim como o *eu* protege a psique das pulsões. Logo, o *eu* funciona como barreira (censura) que tem como obrigação conter o que é inaceitável à moral, ou que poderia causar o estado de angústia de aniquilação ao aparelho psíquico. O *eu* não consegue destruir a pulsão, mas sim recalca-la, colocando-a em um lugar onde ela estará inacessível a consciência.

Entretanto, ao realizar este mecanismo, o recalque encontra-se fora dos limites do *eu*, transformando-se, ganhando novas dimensões e ligando-se aos traumas e libidos sexuais que estão no início da vida do infante e que foram gerados através da fantasia de aniquilação ou dependência total do infante. Uma vez que o recalque se liga a estes traumas iniciais (que podem ser fantasiados ou reais), ele retorna modificado e incapaz de ser percebido pelo consciente; seja através da condensação ou do deslocamento, proporcionando ao mesmo tempo prazer e sofrimento ao indivíduo.

Segundo Freud (1920, p.48) o sintoma tem como intuito não permitir o emergir do estado de angústia no indivíduo. “Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar desprazer.”

Retornando para a metáfora da panela de pressão, ainda que boa parte da água seja eliminada pelo processo da sua mudança do estado líquido para o gasoso, sobrar um resto de água na panela semi-fechada pela tampa. Este resto de água seria equivalente aos traumas iniciais da vida do infante, quando o aparelho psíquico trabalhava regido por instintos primitivos para manutenção da vida.

Freud conclui que a angústia está na base original de todo sintoma e o que tornaria o sintoma tão resistente é a função que ele assume de proporcionar alguma satisfação sexual ao mesmo tempo em que origina o sofrimento, ressaltando a formação de compromisso entre a libido insatisfeita e a força repressora.

A teoria exposta acima serve para justificar a inclusão da automutilação como um sintoma para autora desta dissertação. Antes, porém, faz-se necessário expor que tal afirmação advém da interpretação psicanalítica proposta pela autora dos dados coletados da comunidade *Self-Mutilation Addicts* (relatos escritos e expostos na Internet) que estão situados a um dado

momento social, histórico e localizado em um período de tempo e espaço. Sendo assim, a conceituação da automutilação como sintoma está delimitada no microcosmo da comunidade que se auto intitula como “praticantes de automutilação”. Levando em conta que estes integrantes exaltam a pratica da automutilação em suas vidas, repetindo-a, realizando rituais, escolhas de objetos de afeto (facas e estiletes) para o ato, expondo suas escolhas pessoais (livros, filmes, músicas) como marcadas pela automutilação.

Esta exaltação ao sintoma será notada na análise dos conteúdos dos tópicos expostos pela comunidade, onde existem relatos dos integrantes deste grupo descrevendo a automutilação como uma possibilidade de se sentirem livres, vivos, ultrapassando os limites, além da expiação da angústia. Nota-se a frase exposta em um dos tópicos: “nossa cena linda segunda feira...qdo eu qse amputei o exu...a minha mao tava coberta inteira de sangue...nossa lindo akilo...” (Integrante E., tópico *Tipos de Objetos Cortantes*, Anexo 2)

Outro ponto que determina a automutilação como o sintoma é o repetir compulsivo, ritualizado que muitos membros descrevem. Lembrando que este grupo é formado por membros que se intitulam como “praticantes” de automutilação. Eles não possuem um evento isolado do sintoma, mas sim a repetição e a modificação de suas vidas com o aparecimento deste.

Quando a autora desta dissertação escreve sobre as modificações que o sintoma acarreta na vida destes sujeitos, ela implica sua afirmação no desvio do sintoma que alguns indivíduos do grupo estudado possuem. Após anos que o sujeito pratica automutilação a pulsão contida no sintoma ganha amplitude, alcança novos limites de atuação, “contamina” o corpo e a psique. Esta pulsão já desviada e modificada na atuação do sintoma não se contém apenas no corte, mas com o aparecimento de várias outras atitudes que mostram uma imagem psíquica distorcida do sujeito, e o prazer na identificação conseguida através do estabelecimento do limite entre o *eu* e o outro. Ou seja, o corte permite que o indivíduo, ainda que em segredo, delimite quem ele é e quem é o outro. Desejando inconscientemente ferir o outro ao praticar a automutilação, semelhante à criança que ao roer as unhas, repetindo seu ato escondido da

mãe parece conter a mensagem: “Não importa o quanto você diga que não devo fazer, o corpo é meu, não seu. Mas, eu sei que ver meus dedos machucados lhe causa sofrimento, e isto me dá um pouco da sensação de vingança por você querer dizer que meu corpo é seu e você manda”.

Ferindo então simbolicamente os limites do outro pelo ato da automutilação, o indivíduo também conta para si mesmo que ele foi capaz de ultrapassar os limites fantasiados que ele mesmo possui do outro. Com isto o sujeito pode se achar acima do outro, como demonstra alguns dados retirados dos tópicos “Eu sou Deus”, “Isto não é para qualquer um, só para os reais apreciadores da arte”.

Portanto, o sintoma de automutilação poderia surgir quando o indivíduo precisou pontuar os limites entre o eu e o outro; quando se sentiu invadido de tal modo pelo outro que a imagem psíquica do corpo poderia se perder ou ser dissolvida, desestruturada. Existindo o perigo da perda da identidade do sujeito, o corte então surge como uma possibilidade de religar o sujeito a vida.

Muitos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* quando escrevem sobre quem eles são, expõem frases como “eu tudo sou, eu nada sou” revelando o sofrimento de experimentar este lugar do nada, do não existir. É como se para estes indivíduos não existisse um lugar seu, descrito no meio social, como se ele estivesse sempre destacado da sociedade: ora ele existe e é tudo, ora ele não existe e não é nada.

A angústia, segundo Freud (1933, p.106) no texto *Angústia e vida pulsional*, estaria na base de todo sintoma: “Parece, com efeito, que a geração da angústia é o que surgiu primeiro, e a formação dos sintomas, o que veio depois, como se os sintomas fossem criados a fim de evitar a irrupção do estado de angústia.”

2.3. A angústia

Freud, em *Inibição, Sintomas e Angústia* (1926), comenta que a primeira sensação de angústia do ser humano aconteceria no trauma do nascimento e que esta angústia seria comum a todo ser humano. O impulso que gera o sintoma não se liga a esta angústia, mas sim às primeiras experiências de vida relacionadas às fantasias ou realidade de aniquilação do corpo ou do aparelho psíquico que unidas à pulsão realizam a trajetória da compulsão à repetição.

No início da vida o corpo biológico depende que outro o alimente, proteja e o acolha para viver. Quando a ausência materna é vista como perturbadora, o corpo fica em completo desalento, vivenciando a angústia da aproximação da morte. Durante a ausência materna, o bebê pode experimentar o perigo real ou fantasiado da morte biológica e psíquica.

Na segunda Tópica no texto *O ego e o id*, Freud (1923) posiciona o *eu* como “censurador” e responsável por determinar quais os estímulos causariam ou não um enorme desprazer ao aparelho psíquico, recebendo estímulos vindos tanto de fora como de dentro do aparelho mental.

O sintoma acontece porque o *eu*, em seu trabalho de recalcar a pulsão, a coloca fora dos seus domínios. Neste local, a pulsão juntar-se-á a outras pulsões ligadas às experiências infantis que tem como fundamento o abandono, a perda da identidade e a fragmentação do sujeito. Para que o sujeito consiga dar conta da angústia muitas vezes é necessário que seu aparelho psíquico rudimentar (relacionado ao início da vida do infante) realize o processo de ligar esta pulsão a outras anteriores, criando a cadeia de significantes. Desta forma, o significado original da pulsão se perde, diluindo-se ao se unir a outras pulsões, sendo o sintoma o resultado desta cadeia.

Poder-se-ia dizer que a compulsão à repetição aconteceria em indivíduos por ter experimentado uma quantidade de estímulos além do

esperado para a vida psíquica, em um período em que o aparelho mental apresentava-se passivo à chegada de estímulos. Neste início de vida, os instintos de conservação (pulsão de morte) e os instintos sexuais (pulsão de vida) que são inatos a todo ser humano trabalharão para que o aparelho psíquico sofra o mínimo possível com a presença destes estímulos.

Em *Além do princípio de prazer*, Freud (1920) conclui que existem duas pulsões que regem o funcionamento psíquico: a pulsão de morte ou instintos do ego que deve conduzir o corpo ao estado anterior à excitação (a volta do estado inorgânico sem nenhuma excitação); e a pulsão de vida ou instintos sexuais que conduz a vida ao seu prolongamento e sua organização. A compulsão à repetição estaria sob o domínio destas duas forças: a pulsão de morte agiria na sua tentativa de retornar o corpo à posição anterior ao estímulo; e a pulsão de vida não permitiria o retorno à posição inorgânica (longe de qualquer estímulo), compelindo o organismo a continuar até que a excitação esteja sob os domínios do princípio de prazer.

Entretanto não se pode afirmar que um episódio de automutilação advém do perigo real da fragmentação da psique, mas sim que algo produziu uma tensão que despertou a possibilidade da angústia e o caminho conhecido para a defesa do aparelho psíquico era o das defesas instituais ligadas a pulsão de morte e a pulsão de vida.

2.4. A dor

Quando se disserta sobre a automutilação, fala-se do indivíduo que realiza um ato contra seu corpo. O corte, a queimadura e a perfuração estão associadas à dor física. Muitos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* descrevem a excitação ao ver a pele se romper e o aparecimento de uma dor “gostosa” que sentem ao realizarem o ato. Enquanto outros descrevem a possibilidade de conter o que aflige sua psique.

A dor é apreciada, esperada e proporciona ao sujeito desviar a sua atenção a parte de seu corpo que está dolorida.

Considerando que o corpo, no início da vida, está ligado à manutenção biológica necessária ao seu funcionamento normal, através de processos, tais como: acabar com a fome, manter as funções orgânicas e defender-se de traumas físicos.

Assim sendo, a dor é a primeira percepção que o corpo tem quando algo está fora do seu “padrão” de funcionamento. Se o corpo sofreu um trauma físico, toda a atenção será voltada para que o organismo retorne ao estado anterior à existência da dor; e todos os outros processos ficarão momentaneamente suspensos.

Se a manutenção da vida biológica é compreendida pelo organismo como seu principal foco de atuação, mesmo que o indivíduo esteja diante de uma tensão psíquica insuportável que necessitaria de um processo de elaboração e enfrentamento, a dor física interrompe quaisquer outros processos. Consequentemente, provocar um corte na pele surgiria como a possibilidade de desvio do enfrentamento psíquico.

O conflito psíquico que o indivíduo não enfrenta ao desviar sua atenção para a incisão na sua pele não foi solucionado. Só estará momentaneamente suspenso, afastado. Freud (1920) em *Além do princípio de prazer* argumenta que:

No começo da vida a luta pelo prazer era muito mais intensa do que posteriormente, mas não tão irrestrita; tinha de submeter-se a freqüentes interrupções. Em épocas posteriores, a dominância do princípio de prazer é muitíssimo mais segura, mas ele próprio não fugiu aos processos de sujeição que os outros instintos em geral. De qualquer modo, seja lá o que for aquilo que causa o aparecimento de sentimentos de prazer e desprazer nos processos de excitação deve estar presente no processo secundário, tal como está no processo primário. (Freud 1920, p. 84).

O prazer do corte então advém desta possibilidade de alívio da tensão psicológica com a substituição de uma tensão biológica que acontece com o retorno do impulso de destruição para o próprio corpo. Este retorno, Freud (*Ibid*) denominou de Masoquismo, o qual faz alusão ao retorno a fase inicial da vida do sujeito, quando o bebê ainda tinha seu corpo fragmentado e seus impulsos eram voltados para ele próprio, porque não havia a diferenciação entre o *eu* e o outro (mãe e bebê). Laplanche (1972, p 213) em *Problemáticas I: a angústia*, diz:

(...) uma dor orgânica é capaz de fazer com que se dissipem os investimentos amorosos: o amor, tal como a sublimação poética, cede à dor de dentes do poeta, etc. Do mesmo modo, poder-se-ia dizer que o ferimento físico é uma profilaxia do traumatismo psíquico (...).

Com a substituição da dor psicológica pela dor física, o corte ganha a dimensão de algo prazeroso. Ora, entre a angústia desestruturante psíquica e a dor física, o sofrimento físico é a solução mais simples. Laplanche (*Ibid*) comenta que a dor direciona a libido para o ponto do corpo em que ela está localizada, as defesas do ego se voltam para a finalização do estado dolorido e o ego estará com sua atenção focada ao local da dor.

O corte apresenta o investimento narcísico necessário e temporário para que o indivíduo não enfrente uma “dor” maior psíquica e retorne a posição anterior à excitação recebida.

Laplanche (1972) disserta sobre o Sadomasoquismo, termo utilizado por Daniel Lagache³ (apud Laplanche p. 275), observando que a mesma pessoa que faz o outro sofrer é também capaz de se fazer sofrer. Ele expõe que:

(...) no “eu me faço sofrer”, há a instauração de uma cena subjetiva com, pelo menos, dois personagens: “eu me faço sofrer” é sempre, de um modo ou de outro, “eu faço sofrer em mim o outro que aí pus”. Há um desdobramento interno. E não somente o me, de “eu me faço sofrer”, é um outro, mas é preciso entender – e é esse o tema do superego – que o eu, também é um outro. (Laplanche 1972, p.278)

³LAGACHE, Daniel. *Situation de L'agressivité*, em Bulletin de psychologie, 1960, n 1, pp 491-513

Como se em algum momento o ego do sujeito tivesse identificado com o outro ou com a demanda externa a tal ponto de introjetá-la. Ferir-se é também ferir o outro. Note que não há um limite entre o *eu* e o outro; o *eu* está fragmentado, ainda é parte do outro ou o outro parte dele.

Esta afirmação reforça o discurso do item *Automutilação* desta dissertação, que elabora o ferir-se como delimitador entre o *eu* e o outro como se o sujeito, através da ferida feita em si mesmo, voltasse a sentir que o corpo é seu, afastando as demandas invasivas do outro.

Para Laplanche, o conceito do sadomasoquismo aplica-se ao caso do *Homem dos Ratos*⁴ que era carrasco de si mesmo, sentido prazer em se fazer sofrer. Assumindo tanto a posição do sádico como do masoquista, sendo ele mesmo o maquinador da cena de tortura e o torturado.

No início da vida o bebê tem seu corpo fragmentado e misturado ao corpo da mãe. Sem a totalidade do seu corpo, algumas partes se tornam zonas erógenas (loais que o bebê sente mais, como: mãos, boca, pés e língua). Quando o bebê está diante de situações que provocam a sensação de possível aniquilação psíquica e/ou física (fome, frio, dor, abandono), ele inicia um jogo para sair da passividade da situação de enorme desprazer, repetindo a ação até que a pulsão que causou a angústia perca sua força, contendo, nesta repetição, a possibilidade de se tornar ativo diante da situação desprazerosa e ligar novamente as partes de seu corpo que estariam fragmentadas, tendendo à aniquilação ou diluição com o outro. Entretanto, como o corpo do bebê não se diferenciou ainda totalmente do corpo da mãe, ele se vê como uma continuidade do corpo materno. Ferir seu próprio corpo é vingar-se da mãe e simultaneamente com a dor retornar ao que é seu por direito (seu corpo, seus limites).

A dor aparece como um ganho secundário da autopunição, ela se torna “gostosa” ou “gozoza” porque ao mesmo tempo em que se vinga do outro

⁴FREUD, Sigmund. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva (O homem dos ratos)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Ed. Imago, vol. X, pp. 157-317

internalizado, o sujeito o expulsa do seu corpo momentaneamente. Segundo Laplanche o ego se focará no corte (ferimento) voltando completamente para solucionar a dor.

Para finalizar, a cicatriz torna-se uma marca de separação do *eu* e o outro. Por isto há uma área erotizada, onde existe a certeza de que o sujeito está vivo.

O sintoma de automutilação, para a autora desta tese, apresenta o mesmo mecanismo rudimentar utilizado pelo bebê para se defender da situação de angústia. O prazer da dor está então associado ao alívio de “retirar” e vingar-se simbolicamente do outro, ou da situação de desconforto psíquico no corpo do automutilador, ao mesmo tempo em que a experiência da dor possibilita a certeza de vida ao sujeito.

2.5. O corpo na contemporaneidade

A contemporaneidade permitiu ao indivíduo adquirir grandes avanços tecnológicos. As mudanças ocorreram rapidamente e o tempo que outrora possuía uma linearidade, agora aparenta sobrepor-se subitamente.

O indivíduo contemporâneo não é só agente, mas também fruto deste contexto sócio-histórico. Lipovetsky (1993) chama este período de “Hipermodernidade”: uma época fragmentada, hedonista, individualista e efêmera.

O sujeito deste período é repetidamente estimulado, tanto pelo enorme volume de informações, quanto pela obrigatoriedade do sentir em excesso, vivenciar o novo. Todavia, o humano, quando no excesso do experimentar, vivencia a “dessensibilização”, semelhante à parte do corpo que de tantos estímulos elétricos já não responde como anteriormente. Exigindo assim, o excesso do real. Tal evento ocorre porque, na tentativa de se sentir vivo, ele utiliza o corpo como ferramenta possível para tal experimento,

descentralizando a si mesmo, perdendo características humanas de limites. O ser humano, que deveria então sentir-se soberano, informado, livre, o gestor de sua vida, experimenta a fragmentação, o distanciamento do corpo real do corpo imaginário, a impossibilidade de digerir tudo que a sociedade proporciona em sua sedução vibrante e alienante.

Segundo Elisa Maria B. Esper (2004) pode-se observar o transbordamento para o corpo e a utilização deste como instrumento para o aparecimento do sintoma. O corpo, por si só, apresenta-se exacerbado, fazendo-se “violentamente” vivo e presente.

Na Hipermodernidade a pele surge como retentora do sintoma, marcada, coberta pelas roupas e ao mesmo tempo exposta diante de um espelho. Não só o espelho real de folhas laminadas, mas do espelho narcísico que vive a crença da onipotência de ser o homem contemporâneo o agente, o que decide quando e como faz seu próprio sintoma, enquanto emerge a impotência diante da angústia de morte, do nada sentir e esconder suas cicatrizes do olhar do outro, este que não pode ou não deseja vê-lo.

Joel Birman (2000) pontua a sociedade atual como “Sociedade do espetáculo”, regida pela imagem e teatralidade. O homem é aquilo que pode ser captado em uma cena. A subjetividade contemporânea é dada pelo olhar do outro como um espetáculo, entretanto ela advém do individualismo radical, da sedução sem limites e da libidinização do eu. A subjetividade anteriormente formada pela discursividade passa atualmente à subjetividade da imagem, da captura do olhar. Assim, a imagem do corpo aparece como forma primeira de contato do olhar do outro. A pessoa “bem sucedida” nesta sociedade é aquela capturada pela lente, exposta em revistas. O que ela consome: as roupas, as viagens e os casamentos são valorizados como algo a ser alcançado por todos os outros. O Ideal do Eu filia-se à imagem de perfeição física e consumo sem limite que pode ser capturado em um foto.

Debord (2000), em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, argumenta que o homem dentro desta sociedade seria invadido por uma imagem vinda do

mundo externo que o aliena de si mesmo. A aceitação é passiva frente à demanda do outro, que o verá como sujeito narcísico. Quanto mais identificado com o outro, mais distante de ser visto como sujeito pensante e falante e ao mesmo tempo mais próximo de ser uma imagem para o outro, presa ao seu consumo, do ser para parecer.

O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu (moi) e do mundo pelo esmagamento do eu (moi) que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência. Quem sofre de modo passivo seu destino cotidianamente estranho é levado a uma loucura que reage de modo ilusório a esse destino, pelo recurso a técnicas mágicas. O reconhecimento e o consumo das mercadorias estão no cerne desta pseudo-resposta a uma comunicação sem resposta. (Debord, 2000, p. 17).

O ponto de alienação máxima, para este autor, se dá pelo esmagamento do *eu*, quando ele é visto somente como objeto pelo o outro. Desta forma surge a angústia. Para acalmar esta angústia, ele se filia ao “quero parecer”, ao “não pensar e posicionar-se como objeto”, ficando como pano de fundo a aquilo que ele possa ter ou parecer, sem o conhecimento de seu desejo, aniquilado. Nesta sociedade a felicidade é a euforia, o não contato com os sentimentos dos outros, a tristeza e o luto devem, neste contexto, ser aniquilados. Assim sendo, as psicopatologias atuais advêm desta possibilidade do esmagamento da angústia e da tentativa de sentir-se vivo, em seu corpo.

Slavoj Zizek (2003) expõe que a sociedade atual vive a “paixão pelo Real”. A realidade é semelhante à fantasia, é um pesadelo fantástico. Nesta intensidade, as guerras, os atos terroristas assemelham-se aos anteriormente expostos no cinema; o dia onze de setembro de dois mil e um, quando os aviões chocaram-se contra as Torres Gêmeas em *New York*, em um ato terrorista, reproduz o que muitas vezes foi visto nos cinemas (na ficção). No excesso do real, tudo se apresenta com grandes dimensões, espetacular.

O indivíduo assim possui uma carência simbólica, a sensação do aniquilamento. O viver o cotidiano sem o requinte do excesso, como um ser

humano comum, faz com que ele se defronte com a angústia da não existência. Sua vida não está situada na exuberância do repetido e imposta pela mídia; ele não é, nem jamais será tão perfeito, ou tão vil que mereça quinze minutos de algum telejornal, ou um programa de entrevista, que ressignificariam a certeza da importância de sua existência. Logo, vivenciando o cotidiano do cidadão comum, ele se transforma em nada. Ainda segundo Joel Birman, o corte e a automutilação seriam as tentativas de sentir-se vivo, mas seriam tentativas patológicas. O sangue e a dor quase na esfera do espetáculo trariam o humano novamente à normalidade de uma sociedade radicalmente excessiva.

2.6. O corpo no ciberespaço

O corpo, para a psicanálise, é entendido como real e imaginário. Este conceito formula que o corpo real é aquele limitado por características bio-funcionais-anatômicas e o corpo imaginário é aquele que o humano projeta para si, em uma fantasia, corpo expandido, sem limites anatômicos. (Lacan, 1966)

A contemporaneidade, através do avanço tecnológico, fundou um novo espaço, o Ciberespaço: um local não definido e em constante desenvolvimento. Nele o ser humano faz para si um corpo imaginário, podendo experimentar outro corpo neste espaço, mesmo que impregnado de conceitos e normas culturais apreendidas pelo corpo real.

Lévy (1999, p.92) formula que o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.

Huitéma (1995) estabelece o ciberespaço como um lugar virtual, aterritorial, ilimitado e abrangente, criado e mantido em constante expansão mediante as interações dos usuários de internet.

O termo ciberespaço foi criado por William Gibson em seu livro de ficção científica *Neuromancer* (1984), descrevendo uma realidade existente no mundo tecnológico, a qual poderia alterar completamente os limites corpóreos e sociais do humano. Santaella (2007) postula que o ciberespaço é uma extensão tridimensional, sem fronteiras.

Este espaço de comunicação não necessita da presença física do humano para que o encontro com outro seja realizado. Nele, o corpo biológico perde seus limites, atuando não mais restrito às estruturas anatômicas, mas aos limites do desejo e das inúmeras possibilidades de experimentação (Joel Birman, 2000).

Sem os limites anatômicos, o humano experimenta a possibilidade de criar para si e para outros uma nova identidade, atribuindo como sua. O gênero seria atravessado neste contexto, não necessariamente impondo sua condição biológica do masculino ou do feminino; assim como outros aspectos, tal como idade, cor, escolaridade, limites corpóreos.

O ciberespaço localiza-se no chamado mundo virtual, que é definido pelo dicionário Babylon (2010) como: “Algo existente apenas em potencial, sem efeito real. Em informática é um termo usado para caracterizar um dispositivo que, na realidade, não existe, mas que é simulado pelo computador e pode ser utilizado por um usuário como se existisse.” (<http://dicionario.babylon.com/ciberespaco/> acessado em 19/11/2010).

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (LÉVY, 1996, p. 16).

O mundo virtual possui possibilidades praticamente infinitas. Ele não está em algum lugar, ele transpassa o conceito de espaço e tempo. Ainda assim ele existe, não no mundo real, mas sim na expansão do mundo real, em outra dimensão fora do alcance palpável e real dos objetos. Em termos

psicanalíticos, o mundo virtual está na esfera da errância, do existir entre o pertencer a lugar nenhum ao mesmo tempo ser constituído e representado em todos os lugares.

Esta não fixação expõe outro fator: a experiência da errância, que como definido pelo dicionário virtual Wiktionary (2011): “Aquele que não tem residência fixa, que vive como nômade, longe de qualquer referência” (<http://pt.wiktionary.org/wiki/nomade> acessado em 19/11/2010)

Aquele que vivencia o território do ciberespaço teria no mundo real apenas o seu corpo como confirmação da sua existência.

O mundo virtual afeta o humano através da globalização, tanto na esfera política, quanto nas esferas social e econômica (acesso financeiro mundial), tornando-o cidadão do mundo ao mesmo tempo em que o transforma em um ser desprovido de pátria, de corpo real, ou identidade social.

Como o mundo real e o virtual co-existem e se inter relacionam, o humano é afetado pela possibilidade de tudo ser ou ter no mundo virtual, enquanto que no mundo real ele experimenta a angústia da não existência.

Talvez o ser humano contemporâneo vivencie a impossibilidade de contenção do seu *eu* e na experiência do não pertencer a nada ao mesmo tempo em que se pertence ao mundo. O humano percebe sua impotência, transitoriedade e a angústia de aniquilação. Assim sendo, a única certeza de estar vivo, e de suas memórias, estará contida em seu corpo anatômico.

Logo, no mundo real, o corpo ganha significado de um “corpo-mensagem”. A memória individual seria marcada no corpo e levada pela fluidez e pelos locais de passagem do jovem contemporâneo. Uma identidade fragmentada, descentralizada do corpo biológico.

3. MÉTODO

Para esta pesquisa utilizou-se o método qualitativo fenomenológico como ferramenta crítica de pesquisa, de base Merleau-pontyana (1945) que descreve uma análise fenomenológica mundana, focando no significado da experiência vivida por aqueles que se automutilam, propondo o enquadre a partir da perspectiva de múltiplos contornos do fenômeno de automutilação, onde os pressupostos metodológicos incluem instrumentos que priorizem a experiência, e a utilização de variáveis descritivas e a hipótese.

Esta abordagem apoia-se na observação do local que o fenômeno acontece, no pesquisador como próprio instrumento de interpretação, na observação minuciosa do objeto, na interpretação e nas variáveis descritivas com o intuito de compreender a automutilação.

Para que o fenômeno seja compreendido em sua amplitude, ele deve ser observado no ambiente natural, o local no qual ele ocorre sem controle de variáveis.

Esta pesquisa considerou a comunidade *Self-Mutilation Addicts* como o local que os praticantes podiam falar abertamente sobre o sintoma da automutilação. Conforme Denzin e Lincoln (1994, citado por Turato, 2005, p.3) “os pesquisadores qualitativistas estudam as coisas em seu *setting* natural, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para estes.”

Após a escolha dos instrumentos, a pesquisadora exercendo a redução fenomenológica, com o intuito de descrever e circunscrever o fenômeno, elegeu alguns destes tópicos que possuíam conteúdos que a direcionaram para a melhor compreensão do fenômeno, de acordo com sua atitude fenomenológica sobre o que é ser humano em sua época. Posteriormente ela aplicou seus conhecimentos teóricos para expandir a compreensão sobre como

ocorria à experiência de automutilação no grupo *Self-Mutilation Addicts*, levando-se em conta que a automutilação estava disposta em um período sócio-histórico e apoiando-se na perspectiva sobre o método elucidado por Virginia Moreira (1987, p 450):

Em vez de estar buscando uma essência do fenômeno, de uma maneira abstrata, como pesquisadora estarei buscando sempre significado da experiência vivida. A busca do significado é a tarefa fundamental para o pesquisador fenomenólogo que conta com um método que se presta a alcançar uma compreensão dos múltiplos significados da experiência vivida, que tem, por sua vez, múltiplos contornos. A busca de um significado mundano da experiência vivida inclui uma visão de ser humano em mútua constituição com o mundo, com a história, com a cultura.

Assim sendo, a pesquisadora desta dissertação observou os elementos subjetivos que aparecem quando o indivíduo escolhe um tipo de cultura, tais como filmes e livros prediletos, como ele se mostra ao outro e o que ele deseja que o outro saiba sobre ele.

A validade deste método apresenta também a postura da pesquisadora, que utilizou sua capacidade de interpretação detalhada diante da observação do fenômeno, fundamentada na abordagem psicanalítica, focando no sentido da linguagem. Segundo Lacan (1966, p. 269) “o sintoma resolve-se inteiramente na análise de linguagem porque o sintoma, ele mesmo, é estruturado como uma linguagem.”

A pesquisadora participou somente como observadora, não relatou a nenhum dos integrantes do grupo sua presença, nem enviou mensagens, possibilitando que os membros do grupo relatassem aquilo que desejassem: sem a intervenção de um pesquisador, profissional da psicologia e/ou psicoterapeuta. Isso evitou reações como: ansiedade, medo do julgamento, resposta a demandas do pesquisador ou ainda deformações e perda da espontaneidade nas declarações do grupo.

Quando esta proposta de estudo é lançada, torna-se imprescindível ressaltar muitas questões, tais como: o primeiro episódio do aparecimento do

sintoma na vida dos integrantes do grupo de automutilação, ou ainda a presença de um desejo proibido que levou o sujeito a se automutilar como punição e ou expiação da culpa, não serão respondidas. Uma vez que o método utilizado não contou com a participação ativa da pesquisadora e dependeu da demanda dos integrantes do grupo que formulavam tópicos quase diários sobre os mais variados temas.

3.1. Abordagem de investigação psicanalítica

Esta dissertação elege como forma de interpretar os discursos dos integrantes do grupo a abordagem psicanalítica, acreditando que a psicanálise tem em seu fundamento teórico métodos para interpretação do conteúdo manifesto do inconsciente; tais como os sonhos, escrita, desejos, sintomas, chistes e atos falhos. Mediante a elaboração teórico-prática que Freud utilizou durante toda a psicanálise: o sentido do sintoma, a forma que ele é percebido, sua amplitude, sua relação de prazer e desprazer que surgem na escrita e/ou na escolha ao dos livros e dos filmes.

A psicanálise e a pesquisa em psicanálise sempre estiveram juntas desde a elaboração dos fundamentos da psicanálise; Freud procurava a causa e efeito, a verdade escondida na manifestação do inconsciente. Um caso clínico para ele era a possibilidade de fundamentar a teoria da psicanálise e assim compreender as manifestações do inconsciente, a estrutura do aparelho psíquico, suas defesas, seu equilíbrio, sua formação. Freud, através de uma escuta a qual ele chamou de “escuta psicanalítica”, procurou em sua clínica um método de interpretação do inconsciente, através dos atos falhos, sonhos, desejos latentes, e sintomas que seus pacientes traziam.

Segundo Fabio Herrmann (2004) a psicanálise procura investigar o sentido humano do ser humano nas organizações, comunidades, sociedade e produções culturais, compreendendo que ele é único em sua singularidade. Laplanche e Pontallis (1998, p. 384) definem a investigação psicanalítica como sendo “um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar

o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito.”

Sendo assim, a abordagem psicanalítica foi utilizada nesta dissertação como a possibilidade de compreender o conteúdo manifesto do discurso dos integrantes do grupo.

3.2. Participantes

3.2.1. Localização dos participantes

O grupo de praticantes de automutilação se localizava em um “sítio” de relacionamentos de domínio público amplamente divulgado - o Orkut - que conta, entre suas inúmeras comunidades, com uma brasileira denominada *Self–Mutilation Addicts*.

3.2.2. Caracterização dos participantes e critérios de elegibilidade

No dia 15 de novembro de 2004 esse grupo era formado por 31 integrantes, considerados membros iniciais do grupo e selecionados para o projeto. As inclusões de membros posteriores a esta data foram descartadas, com o intuito de delimitar a amostra de pesquisa, uma vez que este grupo crescia quase diariamente.

A faixa etária dos integrantes desse grupo era de 19 a 34 anos, sendo 34% do sexo feminino e 66% do sexo masculino, todos com acesso à Internet. Em relação ao nível cultural, verificou-se que aproximadamente 90% já concluíram ou estavam próximo da conclusão do ensino médio.

3.3. Instrumentos

3.3.1. Sobre o instrumento

Os instrumentos escolhidos:

1. Trechos dos relatos escritos na *home* dos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts*, que servem como possibilidade de entender o mundo em que estas pessoas estão inseridas e possibilitam revelar as variáveis descritivas, tais como: faixa etária, gênero, religião entre outros aspectos.
2. Trechos dos discursos escritos nos tópicos da comunidade *Self-Mutilation Addicts* que possuíam como foco expor a experiência de automutilação vivida pelos membros.

3.3.1.1. Caracterização do instrumento

O Orkut surgiu em 24 de janeiro de 2004 na Internet, sendo considerado pelo seu criador Orkut Buyukkokten, uma rede de relacionamentos. Atualmente conta com a participação de mais de vinte três milhões de brasileiros. Para tornar-se usuário, o site solicita o cadastro de informações pessoais, chamadas de PERFIL. Este perfil é dividido em três partes:

Social: O usuário pode falar um pouco de si mesmo, de características como gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV, filmes etc.

Profissional: Seleção da atividade profissional, com informações sobre seu grau de instrução e carreira.

Pessoal: Apresenta o perfil pessoal do indivíduo, de forma a facilitar as relações interpessoais. Apresenta informações físicas e sobre o tipo de pessoa com quem ele gostaria de se relacionar, ou mesmo até mesmo namorar/casar. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>, acessado em 17/06/2009)

Após a inclusão de seu perfil, o novo usuário pode procurar comunidades (antigos FÓRUNS) que possuem os mais diversos temas propostos pelos próprios usuários, que funcionam como Dono e mediador, aceitando, ou não, novos integrantes. O DONO pode apagar todas as mensagens que não deseja, decidindo se a comunidade será aberta a todos ou restrita. Muitas comunidades não permitem a visualização de seus conteúdos, através da escolha entre as opções: “somente os membros vêem o fórum” e “qualquer pessoa poderá ver o fórum”. Normalmente as comunidades possuem

uma imagem e uma descrição referentes ao tema que elas propõem. No fórum são expostos os temas que serão abordados nesta dissertação e existe também um campo de relação com outras comunidades.

3.4. Procedimentos e coleta de dados

A autora desta dissertação ateve-se ao método fenomenológico sobre a coleta de dados exposto por Giorgi (1985) e Martins & Bicudo (1989), percorrendo as seguintes etapas: inicialmente a autora “visitou” a home dos integrantes dessa comunidade *Self-Mutilation Addicts*, coletando as informações expostas e agrupando-as em dados, traçando a relação das informações pessoais com o objetivo de criar paralelos quanto ao tipo de características sociais e psicológicas entre os integrantes deste grupo; posteriormente, a pesquisadora observou-se diariamente os relatos e tópicos expostos na comunidade em questão, respeitando o título do tópico proposto pelo DONO ou integrante da comunidade, elegendo os principais relatos expostos pelo grupo para uma posterior análise interpretativa sobre o referencial psicanalítico, sendo cada tópico tratado individualmente como um grupo de discurso e analisado separadamente sob o referencial teórico proposto.

Os dados foram coletados nas informações publicadas no período de 15 de novembro de 2004 e 12 de dezembro de 2008, já a coleta dos dados da *home* realizou-se entre o período de 12 de dezembro de 2004 a 12 de dezembro de 2008.

Este critério de coleta de dados advém da busca por compreender os múltiplos contornos da experiência de automutilação vivida pelos integrantes, posicionando o humano como um ser mundano. Não restringindo o indivíduo ao grupo *Self-Mutilation Addicts*, o qual possuía todos os tópicos relacionados com o tema da automutilação.

A autora desta dissertação entende que para compreender o fenômeno (a automutilação) não é possível apenas focar nas respostas dos tópicos do grupo, pois assim os resultados desta pesquisas estariam fragmentados, negando o que é do humano: seu modo único e particular de vivenciar. Sendo assim foram usados dois instrumentos de pesquisa e posteriormente divididos em categorias:

- Trechos dos relatos dos discursos dos tópicos da comunidade (respeitando o nome dos tópicos expostos pelos integrantes da comunidade, exemplo: algum integrante inseriu o tópico AUTOMUTILAÇÃO, logo o tópico de interpretação também teria o mesmo nome e o material coletado estaria restrito a este tópico).
- Trechos dos conteúdos expostos na *home* do integrantes (página pessoal inicial e necessária para que eles ingressassem no Orkut). Estes dados referem-se a como este indivíduo se apresenta ao mundo, fora do grupo de automutilação.

Alguns destes dados permitiram a realização de variáveis descritivas, que possibilitaram entender mais sobre quem são as pessoas que se automutilam e seus mundos; Enquanto outros dados eram agrupados e considerados como relevantes pela incidência em várias *homes*, os quais receberam o tratamento da abordagem de interpretação psicanalítica.

A seleção dos trechos, pela autora, apoiou-se na redução fenomenológica como sendo a possibilidade de revelar a experiência da automutilação dos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* com a perspectiva de circunscrever o sintoma de automutilação dentro de um universo sócio-histórico-cultural. Fundamentando-se em Martins e Bicudo (1989, p.65) que expõem que “toda pesquisa científica pressupõe sempre uma posição, uma postura que torna possível investigar os fenômenos, a partir de uma certa perspectiva, na qual habilita o pesquisador a encontrar resposta para sua problemática.”

A autora desta pesquisa utilizou a redução fenomenológica na interpretação psicanalítica, adaptando os seis passos configurados por Mezan (1998, p. 174), descritos quando o pesquisador emprega o método investigativo de psicanálise para a interpretação de um caso clínico:

1. Coleta de dados de observação clínica: o psicanalista tomará nota das principais falas do analisado.

Nesta dissertação as principais falas se equiparam aos escritos selecionados em alguns tópicos da comunidade *Self-Mutilation Addicts*, focando em descrições que traziam como conteúdo questões de ritualização, autoerotismo, e algumas colocações dos integrantes sobre o significado da automutilação.

2. Anotações das interpretações clínicas realizadas pelo analista durante a análise do sujeito.

As anotações interpretativas foram feitas pela autora desta dissertação ao ler a primeira vez os tópicos, como se recebesse pela primeira vez a fala do analisado.

3. As construções teóricas: o psicanalista tenta encontrar o significado do sintoma utilizando parâmetros teóricos da psicanálise.

A pesquisadora buscou o significado do sintoma e as representações mentais dele nas citações escritas pelos integrantes do grupo, utilizando o arcabouço teórico sobre sintoma, masoquismo, auto erotização e ritualização expostos na obra de Freud, Lacan, Laplanche.

4. Teorização da Clínica: faz a dobradiça entre o singular do caso e o domínio da metapsicologia. Este passo não ocorre durante a análise, mas fora do *setting* terapêutico.

Esta pesquisa procura compreender como o sintoma se apresenta para o grupo *Self-Mutilation Addicts*, sabendo que não existe a possibilidade de trabalhar a singularidade do sintoma em cada integrante, mas buscando compreender o sintoma para o grupo; focando na questão da exaltação do sintoma feito pelos integrantes. Entendendo que este grupo era formado por pessoas que percebiam a automutilação como algo “precioso” que possibilitava que eles se sentissem vivos e diferentes de todos aqueles que não se auto ferem.

5. Metapsicologia: ligado à interpretação das representações do inconsciente.

Esta pesquisa evidencia a preocupação e a atenção nas representações mentais sobre o sintoma elencadas pelo grupo.

6. As concepções filosóficas gerais, conceito do homem para a psicanálise.

3.4.1.1. Estabelecimento de categorias

- **Variáveis descritivas:** visam circunscrever o fenômeno em dados sócio-histórico-culturais e biológicos. Permitindo ao pesquisador observar minuciosamente o mundo daqueles que possuem o sintoma. Estabelecendo qual o gênero sexual apresenta maior predominância do sintoma, qual a faixa etária em que este sintoma está mais presente, qual o nível intelectual da amostra, relações sociais (estado civil, moradia), dados culturais, (orientação religiosa, política, livros prediletos, tipo de música, filmes preferidos e lazer), dados comportamentais (uso de bebidas, uso de cigarro), e dados subjetivos ou psíquicos (breve descrição da autoimagem). Relembrando que estes dados se referem ao sintoma observado no local virtual. Logo, alguns como idade e a incidência do gênero podem confluir por dados externos

ao sintoma, que correspondem também a aqueles que possuem maior acesso ou interesse no mundo virtual.

- **Descrição de livros e filmes** com o uso da abordagem de interpretação psicanalítica sob os títulos e conteúdos. Foram analisados apenas os livros e filmes que tiveram maior incidência na *home* dos integrantes.
- **Interpretação psicanalítica** dos trechos dos discursos expostos nos tópicos da comunidade.

3.5. Procedimento de análise de dados

A análise das variáveis descritivas foi utilizada traçando-se relações entre as informações relatadas na *home* dos integrantes do grupo como o tipo de filmes, livros, músicas, religiões, idade, e outros aspectos dos integrantes da comunidade.

A análise qualitativa abrange os conteúdos latentes do sintoma de automutilação através do método qualitativo exposto por Turato (2003), objetivando evidenciar o fenômeno na prática de automutilação com suas características psicológicas naqueles que a praticam, assim como as características semelhantes dos integrantes deste grupo.

Mediante a estrutura previamente criada, a análise qualitativa deste trabalho tornou-se possível retirando os dados dos tópicos expostos na comunidade *Self-Mutilation Addicts* que eram propostos espontaneamente pelos usuários ou pelo DONO, sendo dados públicos e divulgados na Internet.

A autora desta pesquisa tentou circunscrever o sintoma de automutilação, assim como entender sua abrangência através dos relatos.

4. RESULTADOS

Após a coleta dos dados e agrupamento, a pesquisadora utilizou a abordagem psicanalítica Freudiana e autores correlatos que transcorrem sobre o sintoma na Hipermodernidade para analisar os escritos na comunidade *Self-Mutilation Addicts*, assim como na *home* dos integrantes da comunidade. A autora elencou os seguintes aspectos:

- Caracterização dos integrantes da comunidade/ Variáveis descritivas;
- Tipos de objetos cortantes utilizados;
- O aparecimento de rituais durante a prática de automutilação;
- Afetos e fixação do objeto de escolha;
- Os significados da automutilação expostos na comunidade;
- A erotização no ato e no corte;
- A auto-imagem distorcida.

As variáveis descritivas possibilitaram o agrupamento das características comuns aos membros da comunidade, a partir da coleta dos dados da *home* dos trinta e um participantes selecionados.

Através deste agrupamento a pesquisadora pôde circunscrever o fenômeno em dados sócio-histórico-culturais e biológicos, observando minuciosamente o mundo daqueles que possuem o sintoma e estabelecendo relações entre o sintoma e gênero sexual, faixa etária, nível intelectual e relações sociais: estado civil, moradia, dados culturais: orientação religiosa, política, livros prediletos, tipo de música, filmes preferidos, lazer; dados comportamentais: uso de bebidas, uso de cigarro.

É mediante o emprego das variáveis descritivas que se pode entender como o fenômeno aparece no mundo virtual brasileiro contemporâneo. Segundo Devereux (1997); Kleinman&Good (1985) e Tatossian (1997) citados

por Moreira (2004, p.452) com o uso das variáveis descritivas o pesquisador pode ampliar sua visão sobre o fenômeno, porque “O que é patológico em uma idade, não necessariamente o será em outra faixa etária. Assim como o que é patológico em uma cultura, não necessariamente será patológico em outra.”

O agrupamento das variáveis descritivas também permitiu à pesquisadora questionar o porquê de alguns livros e filmes foram eleitos como prediletos pelos integrantes do grupo de automutilação. Lembrando, estes dados estão nas páginas pessoais dos integrantes, não na comunidade; entretanto eles revelam o aparecimento de conteúdos subjetivos ou psíquicos sobre a presença da automutilação e/ou de conteúdos latentes sobre as representações mentais daqueles que se automutilam.

Ressalta-se que estas variáveis descritivas se referem ao sintoma observado no local virtual. Logo, alguns dados como idade e a incidência do gênero podem confluir por dados externos ao sintoma que correspondem, por exemplo, às características gerais dos usuários do meio virtual como faixa etária entre 19 a 34 anos e predominância do gênero masculino.

Ainda, é necessário salientar que muitas perguntas requeridas pelo formulário da *home* para inscrição no sítio do Orkut não obtiveram respostas. Pontua-se também que o corpo estudado neste trabalho está no ciberespaço e este corpo, como já dito na introdução desta pesquisa, é um corpo criado pelo usuário, ou seja, suas manifestações estão ligadas ao desejo daquele que o inscreve no Orkut, sendo este existente no campo da realidade psíquica. Logo, questões sobre o gênero no mundo real, assim como a idade destes integrantes estão atravessadas pela realidade que o sujeito criou para si em um habitat chamado ciberespaço.

Como este corpo está ligado à fluidez do mundo virtual, questões como idade e gênero estão ligadas diretamente ao momento que estas informações foram coletadas, em doze de dezembro de dois mil e quatro a doze de dezembro de dois mil e oito, podendo ser alteradas no momento seguinte.

4.1. Resultados do perfil dos integrantes do grupo/ variáveis descritivas

Seguem os resultados referentes ao perfil do grupo:

1. Gênero: 12 do gênero feminino e 17 masculino e 2 não divulgaram.
2. Faixa etária: 19 a 34 anos.
3. Aproximadamente 40% relatam a prática de automutilação.
4. Orientação religiosa: 10 são ateus, 2 são agnósticos, 1 é espiritualista, 1 é judeu, 1 é humanista, 6 pertencem a outras religiões e 10 não divulgaram.
5. Em aproximadamente 56% da amostra a auto-imagem aparece deformada, com conteúdos onipotentes ou total impotência, “eu sou o demônio”, “eu sou nada e tudo”, “o lobo que vive em mim me destrói”, “sou Mephistopheles”, “eu destruo a todos e a tudo”, “sou deus”, “sou uma anjo caído”.
6. Estado civil: 19 são solteiros, 2 são casados, 4 são comprometidos, 2 mantêm relacionamentos abertos e 4 não divulgaram.
7. Livros: 17 dos 31 participantes selecionados divulgaram seus livros ou autores prediletos destes:
 - 7.1. 6 citam Nietzsche como escritor predileto, sendo que os livros *Para Além do bem e do mal* (1886) e *O anticristo* (1888) são citados por 4 deles.
 - 7.2. 5 citam Dostoiévsky, destes 2 citam *Noites Brancas* (1848), 1 *Os Demônios* (1872), 1 *Crime e Castigo* (1866), 1 *Notas do Subsolo* (1864).

- 7.3. 4 citam *1984*, de George Orwell (1949)
- 7.4. 3 relatam a *revolução dos bichos* de George Orwell (1945). 3 citam a *Metamorfose* de Kafka (1920). 3 relatam Bakunin *Deus e o Estado* (1882). 3 apontam também *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1931).
- 7.5. 2 relatam a *Peste* de Albert Camus (1947), assim como *O estrangeiro* do mesmo autor (1942). 2 citam *O apanhador nos campos de centeio* de J. D. Salinger (1951), 2 *O processo* de Kafka (1920).
8. Orientação Política: 7 declaram-se sem orientação política, 2 posicionaram-se como autoritarismo radical, 2 sendo de direta conservadora, 1 posiciona-se de esquerda liberal, 1 refere-se como libertário e 15 não divulgaram.
9. Filmes: neste item serão expostos apenas os títulos citados duas vezes ou mais ou que se relacionem ao subitem específico. 19 integrantes divulgaram esta informação. Destes 15 citam o gênero terror, sendo que 6 citam filmes de terror ligados a vampiros.
- 9.1. Os títulos relacionados a vampiros são: 5 citam *Drácula* (como o diretor não foi especificado, e o título pode referir-se a várias regravações, não constará na bibliografia do trabalho). 3 citam *Entrevista com o vampiro* direção de Neil Jordan (1994). 2 relatam *A Rainha dos Condenados* (2002) direção Michael Rymer. 2

citam *Nosferatu* de Werner Herzog, (1979). 1 cita *Le Vampire de Dusseldorf* de Robert Housein (1965). 1 relata *Drink no inferno* direção Robert Rodriguez (1996).

9.2. Títulos relacionados a gênero Terror: 2 citam *O exorcista* de Willian Friedkin (1973), 3 divulgam *Rubão o canibal* produção de Fernando Rick (2002) e 2 citam *Feto Morto* (2003) do mesmo produtor. 2 relatam *Dawn on the Death* produção de George A. Romero (1979). 2 citam *Hellraiser* produção de Clive Barker (1987).

9.3. Títulos relacionados à Ficção: 10 integrantes relatam filmes deste gênero: 3 relatam *Clube da Luta* produção David Fincher (1999), 2 relatam *Donnie Darko* produção de Richard Kelly (2003). 2 citam *Vanilla Sky* produção Alejandro Amenábar (2002). 2 relatam *Kill Bill* produção de Quentin Tarantino (2003). 2 divulgam *Clockwork Orange* produção de Stanley Kubric (1971). 2 citam *Lord of the Ring* produção Peter Jackson (2001). 2 citam *Spider Man* produção Sami Raimi (2002). 2 relatam *Daredevil* produção de Mark Steven Johson (2003). 2 citam *Harry Potter* produção Chris Columbus (2001).

9.4. Títulos relacionados a Drama: 10 integrantes

relataram filmes deste gênero. 2 citam *De olhos bem fechados* direção de Stanley Kubrick (1999), 2 divulgaram *Elephant* de Gus Van Sant (2003), 2 relatam *Invasões Bárbaras* produção de Deny Arcand (2003), 2 citam *Magnólia* produção de Paul Thomas Anderson (1999).

9.5. Títulos relacionados a animação: 2 apreciam *Akira* de Katsuhiro Otomo (1988). 2 citam *A viagem de Chihiro* produção de Hayao Miyazaki (2001).

10. Domicílio: 20 integrantes divulgaram morar com os pais, 3 moram sozinhos, 2 com seus animais, 2 dizem que tem festa todos os dias aonde moram e 4 não divulgaram.

11. Uso de bebidas: 27 integrantes divulgaram esta informação, sendo que 11 dizem beber muito (*heavily*), 7 dizem beber socialmente, 2 alegam beber regularmente, 2 bebem ocasionalmente e 5 não usam álcool.

12. Uso de cigarros: 27 integrantes divulgaram esta informação, sendo que 16 dizem não fumar, 5 alegam fumar muito, 2 dizem que fumam socialmente, 2 escrevem que fumam regularmente, 1 fuma ocasionalmente, 1 estava tentando parar.

4.2. Resultado da análise qualitativa

Segundo Freud (1927, p.63) “a nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos dá, podemos conseguir em outro lugar.”

A análise qualitativa foi realizada com base nos discursos expostos nos tópicos da comunidade e também nas escolhas dos filmes e livros. A repetição dos dados nas variáveis descritivas chamou a atenção da pesquisadora, acreditando que esta dissertação estaria se privando de um estudo mais aprofundado das representações mentais e do sentido da experiência daqueles que se automutilam caso estes dados variáveis não fossem submetidos à interpretação.

Os livros e filmes foram agrupados em dois grandes grupos após a análise de abordagem psicanalítica sobre as possíveis formas de compreender a experiência dos integrantes em vivenciar o sintoma de automutilação, postulando uma possível identificação deles com os conteúdos, com os personagens e/ou com as histórias; analisando-os separadamente.

4.2.1. Análise interpretativa das variáveis descritivas: Livros e Filmes.

Antes de iniciar a análise, é necessária uma introdução sobre a escolha dos livros e filmes.

Muitos dos livros escolhidos constituem parte da formação literária exigida por muitos colégios, apesar de não pertencerem à literatura brasileira, nem comporem a lista de leitura obrigatória para o vestibular. Sendo assim, ainda que estes livros escolhidos façam parte do arcabouço literário de muitos jovens, eles foram pontuados como prediletos por algum motivo.

Nota-se que Machado de Assis e seu tão conhecido livro *Dom Casmurro*, solicitado por inúmeras escolas durante a formação de seus estudantes, não foi mencionado. Então, pontuar que a escolha destes livros aconteceu apenas porque estão inseridos na formação escolar ou ainda que foram escolhidos ao acaso pelos participantes da comunidade estudada, seria no mínimo leviano.

Dos 17 participantes do grupo de automutilação 4 citam o livro *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche (1886). Será mera coincidência? A pesquisadora desta dissertação levanta a hipótese de que estes livros podem revelar, seja pelo título ou pelo seu conteúdo, alguma indicação subjetiva sobre a visão que estes indivíduos têm do mundo e de si mesmos, ou ainda revelam em seus títulos a manifestação do sintoma.

Após muita reflexão sobre o porquê da escolha destes livros, a pesquisadora se permitiu usar a redução fenomenológica, escolhendo alguns livros e filmes para interpretação.

Como exemplificado acima, o estudo destes conteúdos que a pesquisadora propõe advém do seu referencial de mundo e de seus conhecimentos. Não é necessariamente uma verdade imbatível, nem pretende ser. Pretende sim, mostrar um estudo criterioso que buscou desde o início da proposta desta dissertação respeitar e entender o universo daqueles que se automutilam.

A pesquisadora tem como hipótese que estes livros foram escolhidos como prediletos porque seus conteúdos expõem questionamentos sobre a sociedade, e/ou porque possuem personagens que sentem marginalizados que buscam incessantemente um lugar no mundo, e/ou ainda sentem-se sozinhos, buscando um sentido para sua vida, e/ou possuem uma autoimagem que o diferencia da grande massa (da *Sociedade do Excesso* Slavoj Zizek, 2003), causando a identificação dos integrantes com o destino do personagem e/ou com a personalidade. Ou ainda que estes livros trazem questões sobre o sintoma, como a não separação do outro.

A proposta criada pela autora desta dissertação para esta interpretação surge de uma adaptação da metodologia qualitativa de Merleau-ponty (1945).

Todos os livros e filmes foram lidos ou vistos pela autora antes de iniciar qualquer possibilidade de análise. A autora utilizou o resumo de fontes informais sobre os livros e filmes para se aproximar do mundo que os integrantes do grupo estavam inseridos, acreditando assim não conduzir a interpretação do conteúdo do livro para a hipótese postulada por ela. Pois, o uso de resumos eruditos ou acadêmicos poderia afastá-la do mundo que estes integrantes estão inseridos.

Cada item terá como estrutura:

- **breve resumo do livro** retirado dos sites Wikipédia ou <http://www.adorocinema.com>; com a proposta de usar o resumo feito, na íntegra, por autores desconhecidos, evitando o direcionamento dos questionamentos feitos pela autora desta dissertação, caso ela também fizesse os resumos.
- interpretação do título e/ou interpretação de possíveis identificações dos integrantes do grupo com o conteúdo ou personagens.
- interpretação individual de cada livro e filme sobre o possível sentido que eles apresentam para os integrantes do grupo.

É muito importante ressaltar que esta parte da pesquisa utilizou a redução fenomenológica, oriunda de um desejo obstinado da autora em tentar compreender a dimensão do sintoma na vida daqueles que o possuem.

4.3. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha dos livros e filmes

4.3.1. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha de cada livro.

a. *Além do bem e do mal*, Nietzsche (1886):

No item da página pessoal dos integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* este livro aparece como o mais citado. Dos 17 integrantes que divulgaram informação sobre livro, 4 citam este livro.

a.i. Breve resumo do livro

Em *Além do bem e do mal* (1886), Nietzsche desenvolve uma verdadeira crítica da filosofia, da religião e da moral, apontando as correspondências existentes entre as três. Primeira publicação após Assim falou Zaratustra (1883-1885), este livro é também uma espécie de síntese da obra de Nietzsche devido ao seu caráter provocador: segundo o próprio autor, é a primeira crítica séria da modernidade – da ciência, da arte e até mesmo da política modernas.

Dando continuidade à polêmica, Nietzsche acusa a filosofia de sua época de estar presa a preconceitos morais, assumir de maneira acrítica as noções da moral vigentes e de não se posicionar – conforme deveria – além do bem e do mal. Para Nietzsche, a única saída viável é a psicologia, única ciência capaz de jogar a âncora da análise mais fundo na alma humana.

Neste que é o primeiro entre seus escritos “destrutivos”, o autor desenvolve ainda conceitos como os de “moral de senhor” e “moral de escravo”. A “moral de senhor” seria aquela que despreza tudo aquilo que é baixo. Já a “moral de escravo” enalteceria tudo que é pobre, fraco e enfermo. Na filosofia de Nietzsche, ao contrário da ética cristã, a vontade do forte deve nortear o critério do que é bom, verdadeiro e belo. No mesmo sentido, Nietzsche ataca a democracia e os movimentos socialistas e comunistas, dizendo que eles propagam o apequenamento do homem e a mediocridade geral.

Além do bem e do mal é também um dos maiores exemplos do vigor aforístico de Nietzsche. (ZWICK, R, 2008, nas traduções e notas de *Além do bem e do mal*, prelúdio a uma filosofia do futuro, de Friedrich Nietzsche)

a.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Nietzsche expõe neste livro críticas sobre a moral, a sociedade e a filosofia, propondo questionamentos sobre a trajetória da humanidade e a constituição do ser humano e comentando que muitos seguem cegamente as regras ou orientações ditadas pelo cristianismo, filosofias ou líderes políticos.

A escolha deste livro, por alguns integrantes do grupo, talvez esteja relacionada à procura de algum fundamento filosófico para compreender o porquê deles não conseguirem se “adequar” à sociedade contemporânea sem questionamento. Mais do que isto, talvez permita uma reflexão do porque algo que para sociedade é considerado um tabu (a automutilação), sendo muitas vezes compreendida como um desvio de comportamento é para alguns membros do grupo *Self-Mutilation Addicts* uma prática necessária.

A escolha deste livro pode ter surgido como a possibilidade de apaziguar sua busca por aceitação, percebendo-se como diferente da massa social, procurando seu caminho singular sobre o que é aceitável, belo ou patológico.

Ainda que o conteúdo deste livro seja algo perturbador para muitos, para aqueles que o elegeram como um dos seus livros prediletos, neste contexto é a possibilidade da redenção do seu sintoma.

Outro questionamento especulativo seria a escolha deste livro não acontecer apenas pelo conteúdo, mas também pelo significado do título. Não é possível deixar de notar a aproximação do título deste livro com o texto de Freud (1920) *Além do princípio de prazer*. Ambos falam sobre algo que está além do esperado, fora da contenção do Bem e do Mal, regido por outras leis. Algo que se localiza além dos limites, não sendo governado pelo princípio de prazer ou princípio de realidade. Outro ponto diz respeito ao conteúdo do texto

Além de princípio de prazer que possui o objetivo de compreender a compulsão à repetição.

Durante toda esta dissertação está sendo relatada a compulsão à repetição, através da ritualização, pelos praticantes da automutilação. Estes indivíduos são ditos como praticantes, não porque possuíam um evento isolado de automutilação, mas porque se tornaram adeptos a tal ato; configurando-a como arte, prática, marcando suas vidas não só no corpo biológico como no psicológico.

Sobre a questão do porque acontece a repetição na automutilação, surge a hipótese de que a repetição do ato seria a possibilidade do praticante passar de agredido a agressor, determinando como, o quanto, e quando quer sentir o estímulo danoso, tentando assim dominar o seu corpo e seus afetos.

b. *Noites Brancas*, Dostoiévsky (1848)

Este título foi citado por 2 dos 17 integrantes que divulgaram a informação sobre Livro.

b.i. Breve resumo do livro

"Noites Brancas" é o livro que mais aproxima Dostoiévski do romantismo e foi escrito em 1848, antes de sua prisão.

Como personagem central se tem o Sonhador, que em uma das noites brancas da capital São Petersburgo apaixona-se por Nástienka. Nesta obra, diferentemente de outras, em que a preocupação social é a diretriz para o enredo, desta vez encontramos um Dostoiévski romântico, lúdico. O personagem principal, que ao contrário das versões teatrais e cinematográficas, não tem nome, vaga errante pela "noite branca" de São Petersburgo.

"Noites brancas" refere-se a um fenômeno comum na Europa em que, mesmo à noite, o sol não chega a se pôr completamente, causando uma atmosfera onírica. Um encontro casual muda completamente a vida do até então solitário protagonista: conhece a ingênua e também sonhadora Nástienka, que aos prantos, espera aquele a quem um ano antes tivera prometido o seu amor.

Ao longo das quatro noites seguintes, o protagonista se apaixona pela moça e conhece a sua inusitada história:

Nástienka vive atada com um alfinete à saia da avó cega e ao lado da criada surda. Quando um novo inquilino chega a sua casa, ela vê a possibilidade de escapar de sua solidão. O misterioso homem um dia deixa a casa, prometendo que voltaria depois de um ano, quando tivesse condições de casar-se com ela. Quando o protagonista encontra Nástienka na ponte sobre o rio Nieva, estamos exatamente no dia marcado para o reencontro. Mas nenhum dos três personagens pode prever o que o destino preparou para eles (http://pt.wikipedia.org/wiki/Noites_Brancas).

b.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Nástienka é uma personagem atada à avó. Retomando os fundamentos exposto no capítulo 5 desta dissertação, há uma alusão sobre a impossibilidade do indivíduo de se separar do outro, e assim conseguir a autonomia do seu corpo. Não há um limite claro entre o *eu* e o outro. O indivíduo é invadido pelo outro que se acha dono de seu corpo e de seus desejos.

Na história de Nástienka vê-se uma avó que determina o destino dela, como se ela fosse uma continuidade da sua progenitora. Nástienka toda noite aguarda sua avó dormir para que assim ela possa sair e tentar por alguns instantes sentir-se dona de seu destino.

A hipótese levantada é a de que a relação invasiva do *eu* com o mundo externo seja exposta como metáfora desta história e daí a possível identificação dos praticantes com esta história. Outra hipótese seria a identificação deles com o protagonista, que reprime seu desejo, sua paixão por Nástienka para ajudá-la. Lembrando que no capítulo 5 desta dissertação,

autores como Karl A. Menniger e Freud falam do sintoma como uma relação de compromisso entre os desejos inaceitáveis e a moral do *eu*.

c. A revolução dos Bichos, George Orwell (1945)

Este título foi citado por 3 dos 17 integrantes que divulgaram informação sobre Livros.

c.i. Breve resumo do livro:

Sentindo chegar sua hora, Major, um velho porco, reúne os animais da fazenda para compartilhar de um sonho: serem governados por eles próprios, os animais, sem a submissão e exploração do homem. Ensinou-lhes uma antiga canção, Animais da Inglaterra (Beasts of England), que resume a filosofia do Animalismo, exaltando a igualdade entre eles e os tempos prósperos que estavam por vir, deixando os demais animais extasiados com as possibilidades.

O velho Major faleceu três dias depois, tomando a frente os astutos e jovens porcos Bola-de-Neve e Napoleão, que passaram a se reunir clandestinamente a fim de traçar as estratégias da revolução. Certo dia Sr. Jones, então proprietário da fazenda, se descuidou na alimentação dos animais, fato este que se tornou o estopim para aqueles bichos. Deu-se a Revolução.

Sob o comando dos inteligentes e letrados porcos, os animais passaram a chamar a Quinta Manor de Quinta dos Animais, e aprenderam os Sete Mandamentos, que, a princípio, ganhava a seguinte forma:

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. Qualquer coisa que ande sobre quatro pernas, ou tenha asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

Para os animais menos inteligentes, os porcos resumiram os mandamentos apenas na máxima "Quatro pernas bom, duas pernas ruim" que passou a ser repetido constantemente pelas ovelhas. Após a primeira invasão dos humanos, na tentativa frustrada de retomar a fazenda, Bola-de-Neve luta bravamente, dedica todo o seu tempo ao aprimoramento da fazenda e da qualidade de vida de todos, mas, mesmo assim, Napoleão o expulsa do território, alegando sérias acusações contra o antigo companheiro. Acusações estas que se prolongam por toda história, mesmo após o desaparecimento de Bola-de-Neve, na tentativa de encobrir algo ou mesmo ter alguma

explicação para os animais para catástrofes, criando-se um mito em torno do porco que, a partir daí, é considerado um traidor.

Napoleão se apossa da idéia de Bola-de-Neve de construir um moinho de vento para a geração de energia, mesmo havendo feito duras críticas à imaginação do companheiro, e inicia a sua construção. Algum tempo depois, os porcos começam a negociar com os agricultores da região, recusando a existência de uma resolução de não contactar com os humanos, apontando essa idéia como mais uma invenção de Bola-de-Neve. Os porcos passam ainda a viver na antiga casa de Sr. Jones e começam a modificar os mandamentos que estavam na porta do celeiro:

4. Nenhum animal dormirá em cama com lençóis.

5. Nenhum animal beberá álcool em excesso.

6. Nenhum animal matará outro animal sem motivo.

7. Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros.

O hino da Revolução é banido, já que a sociedade ideal descrita, segundo Napoleão já teria sido atingida sob o seu comando. Napoleão é declarado líder por unanimidade. As condições de trabalho se degradam, os animais recebem novo ataque humano e já não se lembram se na época em que estavam submissos ao Sr. Jones era mesmo pior, mas lembravam-se da liberdade proclamada, e eram sempre lembrados por sábios discursos suínos, principalmente os proferidos por Garganta, um porco com especial capacidade persuasiva. Napoleão, os outros porcos e os agricultores da vizinhança celebram, em conjunto, a produtividade da Quinta dos Animais. Os outros animais trabalham arduamente em troca de míseras rações. O que se assiste é um arremedo grotesco da sociedade humana.

O slogan das ovelhas fora modificado ligeiramente, “Quatro pernas bom, duas pernas melhor!”, pois agora os porcos andavam sobre as duas patas traseiras. No final, os animais, ao olhar para dentro de casa, já não conseguem distinguir os porcos dos homens (http://pt.wikipedia.org/wiki/Animal_Farm acessado em 12/12/2010).

c.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

A história deste livro fala sobre o engodo da mudança de um poder político para outro, relatando a deturpação de leis que visavam mudanças políticas e sociais para o bem estar de poucos, retornando a mesma insatisfação e submissão que existia antes desta revolução.

O indivíduo estudado nesta dissertação é um ser social, filho ou neto de revoluções políticas. Seus pais ou avós viveram na época da ditadura,

assistiram às mudanças políticas, viram a efervescência juvenil em mudar o país e depois aqueles que tentaram mudar o Brasil também uniram-se ao poder, repetindo o deleite de possuir o poder em suas mãos e a corrupção que já existia anteriormente.

Eles assistiram ao *impeachment*⁵ do presidente Fernando Collor de Mello⁶, vivenciaram ainda que na tenra idade as promessas de seus sucessores de um governo sem corrupções. Entretanto todos os dias a mídia apresenta notícias de corrupção, favoritismos, desigualdade social⁷.

Ainda que a interpretação sobre a escolha do livro *A revolução dos bichos* não apresente uma relação supostamente direta com o sintoma, é importante citá-la, já que esta dissertação busca compreender o ser humano como ser social político-histórico. Retirá-lo de questões que emergem sobre sua compreensão política e social do mundo seria como arrancar uma parte que o compõe como um humano na contemporaneidade. Entretanto, postula-se o questionamento destes indivíduos quanto à incredulidade de mudanças sociais, ou ainda seu desapontamento perante as revoluções sociais.

d. *A Metamorfose*, Kafka (1920)

"Quando Gregor Samsa despertou, certa manhã, de um sonho agitado viu que se transformara, durante o sono, numa espécie monstruosa de insecto."

deste modo que Kafka inicia a história de Gregor Samsa, um caixeiro-viajante "obrigado" que deixou de ter vida própria para suportar financeiramente todas as despesas de casa.

Numa manhã, ao acordar para o trabalho, Gregor vê que se transformou num insecto horrível com um "dorso duro e inúmeras patas". A princípio, as suas preocupações passam por pensamentos práticos relacionados com a sua metamorfose.

Depois, as preocupações passam para um estado mais psicológico e até mesmo sentimental. Gregor sente-se magoado pela repulsa dos pais perante a sua metamorfose. Apenas a irmã se digna a levar-lhe a alimentação, mas mesmo assim a repulsa e o medo também começam a se manifestar. A metamorfose de Gregor vai além da modificação física. É

⁵<http://www.suapesquisa.com/ditadura/> acessado em 11/01/2011

⁶http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Collor_de_Mello acessado em 11/01/2011

⁷http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/corruptao_brasil/index.html acessado em 11/01/2011

sobretudo uma alteração de comportamentos, atitudes, sentimentos e opiniões.

Gregor passa a analisar as coisas que o rodeiam com muito mais atenção. Outra metamorfose ocorre no seio familiar: o pai volta a trabalhar, a irmã (Grete) também arranja um emprego e passam a alugar quartos na própria casa onde habitam. As atitudes dos pais perante o filho retratam ao leitor a idéia que este era apenas o "sustento" da casa. A metamorfose de Kafka não conta apenas a história de um homem que se transformou num inseto. É sobretudo uma história de alerta à sociedade e aos comportamentos humanos. Nesta história, Kafka presenteia-nos com a sua escrita *sui generis*, retratando o desespero do homem perante o absurdo do mundo.

Interessante perceber que em nenhum momento da obra Gregor se dá conta realmente que se transformou num inseto. Apenas observa seus novos membros, órgãos e hábitos, mas com o tempo se acomoda na nova condição sem realmente entender no que se tornara (http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Metamorfose, acessado em 13/12/2010).

d.i. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Mediante o exposto na resenha, destaca-se a frase “A metamorfose de Gregor vai além da modificação física. É sobretudo uma alteração de comportamentos, atitudes, sentimentos e opiniões.”As mudanças naqueles que se automutilam vão muito além do físico. Elas repercutem em seu modo de pensar e de ver a vida. Em alguns casos quando as marcas da automutilação são vistas pelos seus familiares, o sujeito que a apresenta se torna um problema, alguém vergonhoso que deve ser escondido.O olhar do outro é então percebido como julgador, muitas vezes subjugando estas pessoas, tratando-as como aberrações.

A presença do sintoma impõe mudanças, transforma o sujeito e aos poucos ganha tamanha amplitude que contamina toda a vida. Mas, como dito na resenha do livro, o indivíduo não percebe o quanto se modificou, somente vê seus cortes e aos poucos se acomoda na repetição do sintoma.

Interessante perceber que em nenhum momento da obra Gregor se dá conta realmente que se transformou num inseto. Apenas observa seus novos membros, órgãos e hábitos, mas com o tempo se acomoda na nova condição sem realmente entender no que se tornara. (http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Metamorfose, acessado em 13/12/2010)

e. *Admirável mundo novo*, Aldous Huxley (1931)

Admirável Mundo Novo (Brave New World na versão original em língua inglesa) é um livro escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932 que narra um hipotético futuro onde as pessoas são pré-condicionadas biologicamente e condicionadas psicologicamente a viverem em harmonia com as leis e regras sociais, dentro de uma sociedade organizada por castas. A sociedade desse "futuro" criado por Huxley não possui a ética religiosa e valores morais que regem a sociedade atual. Qualquer dúvida e insegurança dos cidadãos era dissipada com o consumo da droga sem efeitos colaterais chamada "soma". As crianças têm educação sexual desde os mais tenros anos da vida. O conceito de família também não

existe (http://pt.wikipedia.org/wiki/Admiravel_Mundo_Novo acessado em 20/12/2010).

e.i. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

A sociedade descrita neste livro muito se aproxima com o exposto por Joel Birman (2000) sobre a Sociedade do Espetáculo. No livro *Admirável Mundo Novo* a droga consumida chama “soma”; na Sociedade do Espetáculo a “droga” utilizada na contemporaneidade, para dissipar qualquer angústia ou insegurança, chama-se “consumo”.

O conceito de família patriacal, segundo Slavoj Zizek (2003), está diluído na contemporaneidade. O nome do pai não tem mais inscrição no sujeito; a introjeção das leis, a castração, o corte necessário pela figura de autoridade para que a criança se desenvolva está fragmentado. Assim, sujeitos não castrados vivem na sociedade atual. Eles não podem ser frustrar, buscam na euforia, no excesso, o engodo da saída para sentimentos angústiantes.

Sem figuras parentais, o indivíduo perde sua história, perde sua marca no social. Quem ele será para seu filho? Que história contará, se sua história não pode se inscrever no meio social, se ele só é mais um, igual a outro e a outros.

A solução que a sociedade de excessos permite é experimentar o excessivo, na esfera do fantástico, do cinematográfico. Ela conta “Você pode tudo, você é o que você quiser”. Entretanto, como o ser humano atual pode querer ser alguém, se ele nem sabe de onde vem seu nome, sua origem? Ao invés disto ele introjeta o desejo do outro, neste caso de uma sociedade que grita “você pode tudo. É só querer”. E o questionamento pessoal do que ele deseja, do que ele quer ser? Onde está o sujeito? subtraído da fala acima. “Querer” é um verbo, não há conjugação. Nota-se que não existe a fala “eu quero”, mas sim a fala “é só querer”. A dúvida é a serviço de quem está este desejo.

Na trajetória narrativa este livro conta sobre Um personagem diferente de todos, que se criou à margem da sociedade, ele não era “perfeito”, possuía sentimentos angústiantes, dúvidas e anseios. Sentia-se único, às vezes repleto de dúvidas, perguntando a si mesmo quem era ele, qual era seu lugar neste mundo.

Os integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* expõem, através da formação da comunidade virtual, a busca por outro igual a eles, percebem-se como diferentes e muitas vezes marginalizados na sociedade “normatizante”.

O sintoma marcou suas vidas, os diferenciou; a forma que eles encontraram para mascarar a angústia pode não ter sido o consumo excessivo, mas sim o sintoma de automutilação.

O sintoma da automutilação, sob a égide da pulsão de morte, também ostenta o poder da pulsão de vida, que é a possibilidade de compreender seu lugar no mundo, o que os torna diferentes e buscar uma aceitação pessoal e do outro, ainda que este olhar seja narcísico.

Na sociedade do espetáculo, onde só há lugar para semi-deuses ou deuses, olhar para si mesmo e se perceber diferente talvez seja o início de uma busca para viver com a incompletude.

A autora desta dissertação recorda-se do *Poema em linha reta* de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos). “Arre, estou farto de semideuses! Onde é que há gente no mundo? Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?”

f. 1984, de George Orwell (1949)

Este título foi citado por 4 dos 17 integrantes que forneceram informação sobre Livro.

Mil Novecentos e Oitenta e Quatro (em inglês: Nineteen Eighty-Four) é um romance distópico clássico do autor inglês Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell. Publicado em 8 de junho de 1949, retrata o cotidiano de

um regime político totalitário e repressivo no ano homônimo. No livro, Orwell mostra como uma sociedade oligárquica coletivista é capaz de reprimir qualquer um que se opuser a ela. A história narrada é a de Winston Smith, um homem com uma vida aparentemente insignificante, que recebe a tarefa de perpetuar a propaganda do regime através da falsificação de documentos públicos e da literatura a fim de que o governo sempre esteja correto no que faz. Smith fica cada vez mais desiludido com sua existência miserável e assim começa uma rebelião contra o sistema.

O romance se tornou famoso por seu retrato da difusa fiscalização e controle de um determinado governo na vida dos cidadãos, além da crescente invasão sobre os direitos do indivíduo. Desde sua publicação, muitos de seus termos e conceitos, como "Big Brother", "duplipensar" e "Novilíngua" entraram no vernáculo popular. O termo "Orwelliano" surgiu para se referir a qualquer reminiscência do regime ficcional do livro. O romance é geralmente considerado como a magnum opus de Orwell...

A trama se passa na Pista No. 1, o nome da Inglaterra sob o regime totalitário do Grande Irmão (no original, Big Brother) e sua ideologia IngSoc (socialismo inglês), e conta a história de Winston Smith, funcionário do Ministério da Verdade, um órgão que cuida da informação pública do governo. Diariamente, os cidadãos devem parar o trabalho por dois minutos e se dedicar a atacar histericamente o traidor foragido Emmanuel Goldstein e, em seguida, adorar a figura do Grande Irmão. Smith não tem muita memória de sua infância ou dos anos anteriores à mudança política e, ironicamente, trabalha no serviço de rectificação de notícias já publicadas, publicando versões retroactivas de edições históricas do jornal The Times. Estranhamente, ele começa a interessar-se pela sua colega de trabalho Julia, num ambiente em que sexo, senão para procriação, é considerado crime. Ao mesmo tempo, Winston é cooptado por O'Brien, um burocrata do círculo interno do IngSoc que tenta cooptá-lo a não abandonar a fé no Grande Irmão.

De fato, Mil Novecentos e Oitenta e Quatro é uma metáfora sobre o poder e as sociedades modernas. George Orwell escreveu-o animado de um sentido de urgência, para avisar os seus contemporâneos e as gerações futuras do perigo que corriam, e lutou desesperadamente contra a morte - sofria de tuberculose - para poder acabá-lo. Ele foi um dos primeiros simpatizantes ocidentais da esquerda que percebeu para onde o stalinismo caminhava e é aí que ele vai buscar a inspiração - lendo Mil Novecentos e Oitenta e Quatro percebe-se que o Grande Irmão é baseado na visão de Orwell sobre os totalitarismos de vária índole que dominavam a Europa e Ásia na época. Stalin, também Hitler e Churchill foram algumas das figuras que inspiraram Orwell a escrever o romance.

O Estado controlava o pensamento dos cidadãos, entre muitos outros meios, pela manipulação da língua. Os especialistas do Ministério da Verdade criaram a Novilíngua, uma língua ainda em construção, que quando estivesse finalmente completa impediria a expressão de qualquer opinião contrária ao regime.

Uma das mais curiosas palavras da Novilíngua é a palavra duplipensar que corresponde a um conceito segundo o qual é possível ao indivíduo conviver simultaneamente com duas crenças diametralmente opostas e aceitar ambas. Os nomes dos Ministérios em 1984 são exemplos do duplipensar. O Ministério da Verdade, ao rectificar as notícias, na verdade estava mentindo. Porém, para o Partido, aquela era a verdade. Assim, o conceito de duplipensar é plausível a um cidadão da Oceania.

Outra palavra da Novilíngua era Teletela, nome dado a um dispositivo através do qual o Estado vigiava cada cidadão. A Teletela era como que um televisor bidirecional, isto é, que permitia tanto ver quanto ser visto. Nele, o "papel de parede" (ou seja, quando nenhum programa estava sendo exibido) era a figura inanimada do líder máximo, o Grande Irmão.

No livro, Orwell expõe uma teoria da Guerra. Segundo ele, o objectivo da guerra não é vencer o inimigo nem lutar por uma causa. O objetivo da guerra é manter o poder das classes altas, limitando o acesso à educação, à cultura e aos bens materiais das classes baixas. A guerra serve para destruir os bens materiais produzidos pelos pobres e para impedir que eles acumulem cultura e riqueza e se tornem uma ameaça aos poderosos. Assim, um dos lemas do Partido, "guerra é paz", é explicado no livro de Emmanuel Goldstein: "Uma paz verdadeiramente permanente seria o mesmo que a guerra permanente".

"Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força."

([http://pt.wikipedia.org/wiki/1984_\(livro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/1984_(livro)) acessado em 15/01/2011)

f.i. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Neste item, como nos dois anteriores, nota-se outra vez uma crítica à sociedade vigente, destacando a frase do resumo "De fato, Mil Novecentos e Oitenta e Quatro é uma metáfora sobre o poder e as sociedades modernas. George Orwell escreveu-o animado de um sentido de urgência, para avisar os seus contemporâneos e as gerações futuras do perigo que corriam". Este aviso visionário dado por George Orwell aplica-se à contemporaneidade. Mais uma vez, percebe-se que a escolha deste livro pelos sujeitos do grupo *Self-Mutilation Addicts* relaciona-se à experiência de vida destes sujeitos nos dias atuais.

Slavoj Zizek fala sobre a *virtualização da realidade* (2003 p. 23 a 41), onde tudo é exposto como em um filme. Não há mais o secreto, o íntimo. O que ocorre nos lares tornou-se público e invadido.

Atualmente, *reality shows*⁸ invadem a programação da TV e as experiências de vida ganham outro enfoque: o do show. O sujeito do *reality show* é então um personagem, ou ele se torna um personagem? Assistido como personagem e não como sujeito, suas emoções são expostas e a todo momento julgadas pelo público. Mas, que emoções são estas? As do sujeito que finge ser um personagem, ou as do personagem que interpreta um sujeito?

Qualquer situação pode ser transmitida pela TV. Não há mais o íntimo das relações preservadas. As conversas familiares na hora do jantar são conversas reveladas como o maior foco de audiência para uma emissora, principalmente se o recheio dos discursos apresentarem emoções à flor da pele, atitudes exageradas: ódio, repulsão, paixões. Enquanto isto, o sujeito comum, aquele que está diante do aparelho de TV, fora das câmeras, pergunta-se se suas emoções, seu cotidiano tão corriqueiro, existe. Se o outro não o vê, se tudo aparece na esfera do cinematográfico, qual o lugar que o sujeito encontra para si e seus sentimentos nostálgicos, aqueles que não podem ser ditos como um capítulo de show ao outro, mas que o levam a indagações e lembranças tão pessoais, talvez tão pequenas ao universo do excesso.

Slavoj Zizek (2003, na p. 28), relata:

“a vida social real” adquire de certa forma as características de um farsa representada, em que nossos vizinhos se comportam “na vida real” como atores no palco (...) Mais uma vez, a verdade definitiva do universo desespiritualizado e utilitarista do capitalismo é a desmaterialização da “vida real” em si, que se converte num espetáculo espectral.

O Grande Irmão na sociedade atual não é uma pessoa que dita o que deve ser feito ou sentido pela tela da TV, mas é algo mais perigoso, está mascarado, sendo aceito por muitos na contemporaneidade, através de *reality shows* com pessoas de corpos perfeitos e emoções passionais que expõem a

⁸http://pt.wikipedia.org/wiki/Reality_show

todo tempo um modelo sobre como agir, como pensar, como sentir ou fingir sentir.

Não obstante, vê-se em 1984 a guerra servindo para manter o poder de algumas nações. A guerra contra o terror⁹ declarada por George W. Bush tem um objetivo semelhante: manter a tensão em cidadãos comuns e o poder de algumas nações sobre outras¹⁰. Onde está o terror? Em qual país? Está dentro de todos os países e pode estar ao lado de qualquer sujeito. Cria-se então uma ideia paronóica da perseguição e possível aniquilação do humano, em um dia corriqueiro, por um homem-bomba. O humano se sujeita ao poder de um governo que estabelece os limites, vigia e pune. Com a falsa dialética de o vigiar, coloca-se câmeras em todos os lugares e o que deve ou não ser visto está a serviço da segurança da vida do sujeito.

Para finalizar, lembra-se-á do poema do livro 1984 *"Sob a frondosa castanheira eu te vendi e tu me vendestes, lá estão eles e aqui estamos nós, sob a frondosa castanheira"*. Para viver sobre égide de um suposto conforto, o ser humano contemporâneo permite ser vendido como um produto pelo outro, ao mesmo tempo em que também vende o outro.

Mediante a interpretação do porque da escolha deste livro, outra vez posiciona-se os indivíduos do grupo *Self-Mutilation Addicts* com um humano que é afetado e se afeta pelo meio, demarcando uma vez mais a posição desta dissertação em compreender o fenômeno dentro de um período sócio-histórico, abrangendo a experiência de vida dos integrantes deste grupo.

⁹Guerra ao Terror ou Guerra ao Terrorismo é uma iniciativa militar desencadeada pelos Estados Unidos a partir dos ataques de 11 de setembro. O então Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, declarou a "Guerra ao Terror" como parte de uma estratégia global de combate ao terrorismo

¹⁰ Existem grandes controvérsias a respeito dos objetivos declarados e da eficácia desta luta contra o terror. Através desta, os EUA conseguiram manter um estado de tensão permanente desde 2001, sempre referindo-se à ameaça constante do terrorismo como o maior mal existente sobre a terra.

4.3.2. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre a escolha de cada filme.

a. *Entrevista com o Vampiro*, Neil Jordan (1994)

Dos 19 integrantes que divulgaram informação sobre Filme, 3 citam *Entrevista com o vampiro*.

a.i. Breve resumo do filme

Entrevista com o Vampiro (no original em inglês: *Interview with the Vampire: The Vampire Chronicles*) é um filme americano de suspense, baseado no livro homônimo da escritora Anne Rice. O filme conta a história de Louis (Brad Pitt), um vampiro que foi transformado no século XVIII por Lestat (Tom Cruise). Enquanto Lestat acredita que deu a Louis a maior dádiva que pode existir, este acredita que na verdade foi condenado ao inferno, e só encara a morte como válvula de escape, enquanto o medo o aflige. Ele passa sua vida imortal à procura de um significado para a sua condição, ou pelo menos algum outro de sua espécie. Sempre relutante em tirar a vida de seres humanos, Louis no início se alimenta apenas de animais. Um dia, porém, não resiste e morde uma garotinha, Claudia (Kirsten Dunst). Lestat, ao descobrir, fica extremamente empolgado, transforma-a em vampira e a "dá de presente" a Louis. Os dois tornam-se muito amigos, sendo um a razão de ser do outro.

Claudia, entretanto, não é feliz, pois, assim como uma criança humana, ela amadurece e torna-se adulta, mas fica eternamente presa no corpo de uma menina. Lestat, enciumado da relação dela com Louis e também farto de suas "crises existenciais", acaba por afastar-se de ambos e tratá-los cada vez pior. Claudia considera que ele é um peso a ser eliminado, e então assassina-o. Para comemorar, ela marca com Louis uma viagem para a Europa. Mas logo antes de embarcarem, para surpresa e pânico de ambos, eles descobrem que Lestat na verdade não morreu.

Em Paris, Louis conhece Armand (Antonio Banderas), o líder de um grupo de vampiros, e espera que ele, já que é provavelmente o mais velho vampiro existente, dê-lhe algumas respostas, o que descobre não ser possível. Logo após, o grupo que Armand lidera assassina Claudia, levando Louis a uma fria vingança que não poupa ninguém, a não ser o próprio Armand. Por fim, Louis volta sozinho aos Estados Unidos, onde continua sua vida.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Entrevista_com_o_Vampiro acessado em 11/12/2010).

a.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Uma observação interessante sobre a escolha do tema sobre Vampiros é o mito ocidental que classifica os vampiros como mortos-vivos, ao mesmo tempo em que eles possuem a imortalidade. A vida que eles obtêm após serem transformados em vampiros é escondida, e apenas à noite, repletos de uma fome insaciável por sangue de outros seres vivos, preferencialmente humanos, tornam-se vampiros. Estes seres vivem próximos à bestialidade, completamente excluídos da sociedade mortal, muitas vezes por conta de um destino que não escolheram.

O filme *Entrevista com o Vampiro* conta a história de Louis, um jovem vampiro que pode escolher se prefere morrer ou se transformar em vampiro. Após a transformação, ele passará muitas décadas ou séculos ao lado de Lestat, questionando-se sobre seu lugar na sociedade e no mundo.

Lestat, em contra partida, adora ter se tornado um vampiro. Diverte-se por se sentir acima dos mortais. O que lhe incomoda é a solidão e os dias tediosos, resultados da sua imortalidade.

A hipótese apontada é a de que alguns indivíduos do *Self-Mutilation Addicts* tenham se identificado com o tema sobre Vampiros, particularmente este filme, porque perguntam-se sobre suas existências, sobre o que os difere de outras pessoas.

É interessante notar que o mesmo ritual para se transformar em vampiro aparece em outros filmes do gênero: para o sujeito se tornar um vampiro, sua vida deve experimentar a morte e só diante da morte, no último respiro, ele é então transformado. Lestat pergunta a Louis, quando este está repleto de dor e percebendo que sua vida está se esvaindo, “você terá a escolha que eu nunca tive, você deseja ser um vampiro?” Então, Louis escolhe entre a morte e se tornar um morto-vivo: opta por continuar a viver.

Pode-se questionar a presença da metáfora entre o aparecimento do sintoma de automutilação e a transformação de Louis em vampiro. Como dito no capítulo 5 desta dissertação, o indivíduo, diante de uma angústia de aniquilação, utiliza as defesas instintuais, primitivas, regidas pela pulsão de morte. Estas defesas transformarão a pulsão inaceitável e assim o sintoma se formará, conseqüentemente há a repetição. Voltar ao estado anterior à pulsão é permitir a morte psíquica. No caso do filme, negar ser transformado em vampiro significaria aceitar a morte natural. Algo impulsiona Louis a continuar vivendo, ainda que seja uma vida parcialmente ceifada e escondida.

Assim como os instintos de vida não permitem que o indivíduo que possui o sintoma retorne ao seu estado inorgânico, ter o sintoma significa saber que se é diferente dos outros, que se busca um lugar no mundo, ou alguém com quem possa haver uma identificação (como a procura de Lestat por um companheiro).

Louis, a partir de sua transformação, nunca mais retorna ao seu estado natural de vida; a fome por sangue toma seu corpo; cada noite é uma luta constante para não sucumbir à sede. Quando Louis não aguenta, bebe sangue humano, sentindo um prazer proibido e culpando-se posteriormente, pois com este ato, ele tem certeza da sua miserável existência de vivo-morto. Já Lestat não se incomoda com a sede de sangue. Após milhares de anos se alimentando de humanos, isto se tornou banal e é apenas mais uma característica do que é ser um vampiro. Ele tenta explicar a Louis que se ele se alimentar logo que começar a sentir fome, não sentirá seu corpo tomado pela besta. Assim, dominando o sentimento de fome e sentindo o prazer, a cada mordida a vida vampírica se tornaria mais prazerosa.

Fazendo uma breve analogia sobre o sintoma de automutilação, talvez inicialmente a automutilação possa ter sido dolorosa, iniciada pelo confronto do *eu* com um sentimento incontrolável. Após inúmeras automutilações o próximo corte poderia gerar prazer. A automutilação se repete porque é necessário, ao ser humano, continuar sua existência sem sentir algo avassalador semelhante à fome, e que pode levá-lo à morte psíquica.

Neste filme de ficção talvez haja a metáfora com a estrutura do sintoma, que marca aqueles que o possuem, como a proximidade da morte psíquica fantasiada.

b. *Elephant*, de Gus Van Sant (2003).¹¹

Dos 19 integrantes que divulgaram informação sobre Filme, 2 citaram este filme.

b.i. Breve resumo do filme

Um dia aparentemente comum na vida de um grupo de adolescentes, todos estudantes de uma escola secundária de Portland, no estado de Oregon, costa oeste dos Estados Unidos. Enquanto a maior parte está engajada em atividades cotidianas, dois alunos esperam, em casa, a chegada de uma metralhadora semi-automática, com altíssima precisão e poder de fogo. Munidos de um arsenal de outras armas que vinham colecionando, os dois partem para a escola, onde serão protagonistas de uma grande tragédia. Inspirado no Massacre de Columbine.

Mostra, ainda, o cotidiano dos jovens da escola, as práticas de bullying dissimuladas (vestiário feminino, onde as meninas "cochichavam" que Michelle era estranha, quando ela saiu gritaram "looser"); a bolinha de papel jogada em um aluno do fundo da sala; o revanchismo dos agressores com o grupo dos "atletas imbecis"; a panelinha de Brittany, Jordan e Nicole etc; a omissão da diretoria em ouvir os agressores, que eram vítimas de bullying etc. A escola era um caldeirão de conflitos.

A narrativa, as cenas vistas várias vezes de ângulos diferentes, as vidas entrelaçadas, o caos do ataque, são colocados de uma forma singular pelo diretor. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Elephant> acessado em 20/01/2011).

¹¹ *Elephant* (br: Elefante) é um filme norte-americano de 2003 realizado por Gus Van Sant. No Festival de Cinema de Cannes do mesmo ano, Gus Van Sant ganhou o prêmio de Melhor Realizador e o filme foi o vencedor da Palma de Ouro.

b.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Mais uma vez, a questão do humano contemporâneo viver em uma sociedade exposta a “tensão” constante aparece. A guerra está em todo lugar. Defender-se contra um perigo iminente é preciso. Relembrando o que George Orwell (1949) diz no livro *1984* “Guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força.”

Muitos dos integrantes do grupo de automutilação são jovens que vivem seu cotidiano dentro de escolas, expostos a uma sociedade repleta de estereótipos: as patricinhas, os estanhos, os negros, os gordos, os deficientes, os inteligentes, entre outros. O que move os dois adolescentes do filme, ao realizarem o massacre de Columbine, não é explicado. Entretanto sugere-se que suas vidas seriam entediadas, sem objetivo. Terminá-las de um modo cinematográfico e vingar-se de todos aqueles que realizaram algum tipo de escárnio ou indiferença era uma saída possível para o desfecho de suas vidas.

Neste contexto eles estão inseridos na sociedade do espetáculo. A solução dos problemas para estes dois adolescentes foi o massacre de Columbine¹², que aconteceu como em um filme, no exagero. O massacre chamou a atenção de muitos pais no mundo, infelizmente não para o tipo de sociedade massificante, segregadora a que seus filhos estão expostos, mas sim para a insegurança a que seus filhos estão submetidos nas escolas.

¹²O massacre de Columbine aconteceu em 20 de abril de 1999 no Condado de Jefferson, Colorado, Estados Unidos, no Instituto Columbine, onde os estudantes Eric Harris (apelido ReB), de 18 anos, e Dylan Klebold (apelido VoDkA), de 17 anos, atiraram em vários colegas e professores. Eric Harris e Dylan Klebold eram aparentemente adolescentes típicos de um subúrbio americano de classe média alta. Moravam em casas confortáveis. O pai de Klebold é geofísico e a mãe especialista em crianças deficientes. Harris e Klebold deixaram uma nota, encontrada perto dos corpos: "Não culpem mais ninguém por nossos atos. É assim que queremos partir."

c. *Clube da Luta*, de David Fincher (1999)

Dos 19 integrantes que divulgaram informação sobre Filme, 3 citaram este título.

c.i. Breve resumo do filme

Fight Club (br: Clube da Luta / pt: Clube de Combate), é um filme estadunidense de 1999, do gênero drama, dirigido por David Fincher. A sua banda sonora foi composta pelos Dust Brothers. O filme é baseado em romance homônimo de Chuck Palahniuk, publicado em 1996(...) Norton representa o protagonista anônimo, um "homem comum" que está descontente com o seu trabalho de classe média na sociedade Americana. Ele forma um "clube de combate" com o vendedor de sabonetes Tyler Durden, e envolve com uma mulher dissoluta, Marla Singer.

(...) A intenção de Fincher com a violência de Fight Club foi a de servir como metáfora ao conflito entre uma geração de pessoas jovens e o sistema de valores da publicidade. O realizador copiou o tom homoerótico do romance de Palahniuk para manter a audiência desconfortável e desviar a atenção da surpresa do final do enredo.

Executivos do estúdio de cinema não gostaram do filme, e reestruturaram a campanha de marketing intencionada por Fincher para reduzir as perdas antecipadas. Fight Club não atingiu as expectativas do estúdio nas bilheteiras, e recebeu reações polarizadas dos críticos. Foi citado com um dos filmes mais controversos e falados de 1999. O The Guardian viu-o como um prenúncio de mudança da vida política americana, e descreveu o seu estilo visual como inovador. O filme tornou-se mais tarde um sucesso comercial com o lançamento do DVD, que estabeleceu Fight Club como um filme de culto.

O narrador sem nome (jack) (O FILME É NARRADO PELO PERSONAGEM JACK, QUE É O NARRADOR SEM NOME PRÓPRIO. JACK É UM NOME SIMILAR A QUALQUER NOME, COMO NO BRASIL SE USA O TERMO “ZÉ NINGUÉM” – GRIFO DA AUTORA DA DISSERTAÇÃO) é um empregado de uma companhia de automóveis em viagem que sofre de insônia. O médico recusa-se a dar-lhe medicação e aconselha a visita a um grupo de apoio para testemunhar sofrimentos mais graves. O narrador assiste às sessões de um grupo de apoio para vítimas de cancro testicular e, fazendo-se passar por vítima de cancro, encontra uma libertação emocional que alivia a sua insônia. Ele torna-se viciado em ir a grupos de apoio e em fingir ser uma vítima, mas a presença de outro impostor Marla Singer perturba-o, e então ele negocia com ela para evitar o encontro com os mesmos grupos.

Depois de voar para casa após uma viagem de negócios, o narrador encontra o seu apartamento destruído por uma

explosão. Ele liga a Tyler Durden, um vendedor de sabão a quem ele ajudou no vôo, e eles encontram-se num bar. Uma conversa sobre consumismo acaba com Tyler a convidar o narrador para ficar em sua casa e, depois disso, ele pede ao narrador para lhe dar um soco. Os dois envolvem-se numa luta fora do bar, com o narrador, posteriormente, a mudar-se para a casa em ruínas de Tyler. Eles têm outras lutas fora do bar, e estas atraem uma multidão de homens. Os combates mudam-se para a cave do bar, onde os homens formam um clube de combate.

Marla tem uma overdose de pílulas e telefona ao narrador para ele a ajudar. E ele ignora-a, mas Tyler responde à chamada e salva-a. Tyler e Marla envolvem-se sexualmente, e Tyler avisa para o narrador nunca falar com Marla sobre ele. Mais clubes de luta formam-se em todo o país, e eles tornam-se numa organização anti-materialista e anti-capitalista denominada "Project Mayhem", sob a liderança de Tyler. O narrador queixa-se a Tyler querendo estar mais envolvido na organização, mas Tyler desaparece repentinamente. Quando um membro do Project Mayhem morre, o narrador tenta encerrar o projeto, e segue pistas das viagens pelo país que Tyler fez para localizá-lo. Numa cidade, um membro do projeto cumprimenta o narrador como Tyler Durden. O narrador chama Marla do seu quarto de hotel e descobre que Marla também acha que ele é Tyler. De repente, ele vê Tyler Durden em seu quarto, e Tyler explica que eles são personalidades dissociadas dentro do mesmo corpo. Tyler controla o corpo do narrador quando o narrador está a dormir.

O narrador desmaia depois da conversa. Quando acorda, descobre pelos registros do seu telefone que Tyler fez chamadas enquanto ele estava "desmaiado". Ele descobre os planos de Tyler para apagar a dívida com a destruição de edifícios que contêm registros de empresas de cartão de crédito. O narrador tenta entrar em contacto com a polícia, mas descobre que os polícias fazem parte do projeto. Ele tenta desarmar os explosivos em um dos prédios, mas Tyler subjuga-o e muda-se para um prédio seguro para assistir à destruição. O narrador, mantido por Tyler sob a mira de uma arma, percebe que uma vez que partilha o mesmo corpo com Tyler, ele é que está na verdade a segurar a arma. Ele dispara para dentro da sua boca, acertando através do rosto, sem se matar. Tyler cai com um ferimento de saída para a parte traseira de sua cabeça, e o narrador deixa de o projetar mentalmente. Depois disso, os membros do Project Mayhem trazem a Marla que entretanto tinha sido raptada a ele, acreditando ser ele Tyler, e deixam-nos sozinhos. Os explosivos detonam, desmoronando os edifícios, e o narrador e Marla assistem à cena, de mãos dadas.

As 8 regras do Clube da Luta

1. Não comente sobre o Clube da Luta.
2. Nunca, jamais, comente sobre o clube da luta
3. Quando alguém gritar "pára!", sinalizar ou desmaiar, a luta acaba.
4. Somente duas pessoas por luta.
5. Uma luta de cada vez.

6. Sem camisa, sem sapatos.
7. As lutas duram o tempo que for necessário.
8. Se for a sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar!

(...) O personagem (JACK – GRIFO DA AUTORA DA DISSERTAÇÃO) é uma inversão da década de 1990 do arquétipo de A primeira noite: "alguém que não tem um mundo de escolhas à sua frente, que não tem nenhuma escolha possível, literalmente não imagina nenhuma maneira de mudar a sua vida". Eles estão confuso e enraivecido, por isso responde ao seu ambiente criando Tyler Durden, um Super-homem Nietzscheano, na sua mente. Enquanto que Tyler é a pessoa que o narrador gostaria de ser, ele não tem empatia e não ajuda o narrador a enfrentar decisões na sua vida que "sejam complicadas ou que tenham implicações morais e éticas". Fincher explicou que "[Tyler] pode lidar com os conceitos das nossas vidas num modo idealista, mas não tem nada a ver com os compromissos da vida real tal como o homem moderno os conhece. O que se traduz em: "Você não é necessário para grande parte das coisas que se passam. Está construído, só precisa de funcionar agora." Enquanto que o estúdio estava preocupado que Clube de combate fosse "sinistro e sedicioso", Fincher procurou tornar o filme "divertido e sedicioso" incorporando humor para temperar o elemento sinistro.

(...)A violência dos clubes de combate serve não para promover ou glorificar o combate físico, mas para os participantes experimentarem sentimentos numa sociedade que está de outra forma dormente. As lutas representam a resistência ao impulso de estar "encapsulado" na sociedade. Norton (REFERÊNCIA A EDWARD NORTON ATOR QUE INTERPRETOU JACK NO FILME – GRIFO DA AUTORA) acreditava que a luta entre os homens retirava o "medo da dor" e "a necessidade de contar com significadores físicos do seu próprio valor", permitindo que eles experimentassem algo valioso. Quando as lutas evoluem para violência revolucionária, o filme aceita apenas por metade a dialética revolucionária de Tyler Durden; o narrador retira-se e rejeita as ideias de Durden. Fight Club propositadamente forma uma mensagem ambígua, a interpretação da qual é deixada ao público. Fincher elaborou, "Adoro esta ideia que podemos ter fascismo sem oferecer nenhuma direção ou solução. Não é o objetivo do fascismo dizer, 'É por aqui que devíamos ir'? Mas este filme não podia estar mais longe de oferecer qualquer tipo de solução. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Fight_Club acessado em 14/12/2010)

c.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

O clube da luta é um filme marcado pelo descontentamento do indivíduo com a sociedade, pois não há nada que ele possa mudar ou criar. O humano atual é como Palahniuk (2000) descreve em seu livro homônimo que deu

origem ao filme *O Clube da Luta*: o filho do meio, o qual não tem nenhum objetivo de vida, tudo que podia ser construído foi anteriormente feito por seu irmão mais velho. Então só lhe cabe o repetir e continuar com sua vida obsoleta ao caminhar pela sociedade.

A *Era do Vazio*, descrito por Gilles Lipovetsky (1993) surge nesta análise, o integrante se identifica com a temática do filme, já que ele mesmo sente sua vida sem um sentido maior, sem um grande objetivo. Na sociedade da *Era do Vazio* o ser humano não experimenta nada novo, ele assiste a vida de outros pela TV. Não há novas idéias, novas ideologias. Há apenas a repetição e melhorias de algo criado anterior a existência do homem contemporâneo.

O *clube da luta* surge como uma possibilidade do humano sentir algo, como dito no resumo do livro “(...) A violência dos clubes de combate serve não para promover ou glorificar o combate físico, mas para os participantes experimentarem sentimentos numa sociedade que está de outra forma dormente.” Wikipédia (*ibid*), assim como a automutilação surge para que os participantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* sintam algo, para que através da dor e do sangue percebam-se vivos. Como aponta Slavoj Zizek (2003, p. 24):

Essas pessoas geralmente afirmam que, ao ver o sangue quente e vermelho correr do ferimento auto-imposto, sentem-se novamente vivas, firmemente enraizadas na realidade. Dessa forma, apesar de ser evidentemente um fenômeno patológico, o corte é, ainda assim, uma tentativa patológica de recuperar algum tipo de normalidade, de evitar o total colapso psicótico.

Outro ponto refere-se a Jack que, cansado da sociedade, criou uma sociedade alternativa para si, o *clube da luta*, com as seguintes regras:

1. Não comente sobre o Clube da Luta.
2. Nunca, jamais, comente sobre o clube da luta
3. Quando alguém gritar "pára!", sinalizar ou desmaiar, a luta acaba.
4. Somente duas pessoas por luta.
5. Uma luta de cada vez.
6. Sem camisa, sem sapatos.
7. As lutas duram o tempo que for necessário.
8. Se for a sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar!

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Fight_Club acessado em 14/10/2010)

Semelhante a pessoa que criou a comunidade *Self-Mutilation Addicts*, ganhando o *status* de DONO da comunidade pelo site de relacionamento Orkut, buscando uma sociedade própria com regras que ele poderia sugerir. Lembrando que o DONO da comunidade no Orkut é também o moderador e que cabe a ele aceitar ou não novos integrantes, retirar comentários e “banir” pessoas não desejadas da sua comunidade.

Na página de apresentação da comunidade está escrito: “*Descrição: We love self-inflicted Wounds! Comunidade dedicada a discussão sobre auto-flagelamento e derivados. Comunidade: moderada*”.¹³ (Descrição da comunidade, Anexo 2).

Pensando na analogia das regras do *clube da luta* e o sintoma de automutilação, pode-se elaborar algumas regras subjetivas:

1. “Não comente sobre o Clube da Luta” ~ Não comente sobre a automutilação para quem não a pratica
2. “Nunca, jamais, comente sobre o clube da luta”~ Nunca, jamais comente sobre a automutilação
3. “Quando alguém gritar “pára!”, sinalizar ou desmaiar, a luta acaba”~ Quando você não aguentar mais aprofundar o corte, pare.
4. “Somente duas pessoas por luta”. Lembrando que Jack lutava contra ele mesmo
5. “As lutas duram o tempo que for necessário”.~ a automutilação dura o quanto for necessário.
6. “Se for a sua primeira noite no clube da luta, você tem que lutar!”~ para participar da comunidade *Self-Mutilation Addicts* a pessoa deve expor o porque quer deseja ser membro.

¹³ A autora desta pesquisa tomou o cuidado de manter todas as grafias originais às que eram vistas na Internet.

Assim como Jack, os integrantes do grupo criaram um mundo próprio, o qual permite a prática da automutilação sem o olhar persuasivo ou julgador do outro.

d. *Donnie Darko*, Richard Kelly (2003)

Dos 19 integrantes que divulgaram esta informação, 2 indicam este filme.

d.i. Breve resumo do filme

A história se desenrola em uma atmosfera sombria do fim dos anos 80, em uma pequena cidade claramente dividida entre liberais e conservadores. Nesse turbilhão se encontra Donnie Darko, um garoto considerado problemático com alguns traços de esquizofrenia (assim caracterizado pela psiquiatra que ele frequenta, Ms. Thurman). Em uma noite, um coelho monstro gigante acorda Donnie, salvando sua vida, pois, repentinamente, uma turbina de avião despenca do céu caindo exatamente na cama de Donnie. O coelho monstro gigante ainda profetiza que o mundo irá se acabar dentro de pouco tempo, este mundo, Donnie entenderá ser o mundo pessoal dele. Donnie se mostra dividido entre a realidade e suas alucinações, junto a isso, muitos questionamentos sobre o sentido da vida e, principalmente, da morte.

O filme aborda temas da física teórica como a possibilidade de viagem ao tempo usando obras como de Stephen Hawking - Uma Breve História do Tempo e Roberta Sparrow - Filosofia da Viagem do Tempo para expor tais ideias.

O filme trabalha a capacidade da pessoa trabalhar o que é o mundo de verdade, o lugar em que ele se encontra, ou o pessoal da própria vida. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Donnie_Darko acessado em 6/01/2011)

d.ii. Análise interpretativa com abordagem psicanalítica

Donnie Darko é o protagonista da história, ele possui algo especial que o diferencia dos outros humanos: ele tem a oportunidade de viajar no tempo e assim viver em um mundo próprio que aos olhos do psiquiatra do filme revela traços de uma personalidade esquizofrênica. No decorrer do filme, nota-se que Donnie Darko não se encaixa na sociedade, entretanto o que para todos é um

distúrbio psicológico, para ele é algo único, é o mundo como ele vê. Este mundo próprio e pessoal sempre o acompanhou. Só há um jeito de terminar com seu mundo particular, o qual lhe dá tamanha singularidade e um sentido para sua existência: o suicídio.

No final do filme *Donnie Darko* suicida em prol da vida da menina que ele ama, ela só pode existir se ele destruir a si mesmo em seu mundo particular.

Retornando as pessoas que se automutilam, o seu sintoma é visto por muitos como uma patologia, mas para eles é um sintoma que acompanha suas experiências de vida, dando toda singularidade a suas existências. Eles estão tão familiarizados com o sintoma, que retirá-lo é o mesmo que tirar suas próprias vidas.

4.3.3. Resultado geral da análise dos livros e filmes

A autora desta dissertação, após a análise interpretativa com abordagem psicanalítica sobre qual o sentido da escolha dos integrantes por estes livros e filmes, coloca-os em dois grupos. Expondo que a escolha baseada na temática dos conteúdos dos livros e dos filmes se repete. Demonstrando tanto o lugar que estes integrantes estão na sociedade do espetáculo como também a estrutura e abrangência do sintoma em suas vidas.

Alguns dos filmes ou livros podem aparecer em ambos os grupos:

- Livros e filmes que possuem conteúdos identificatórios com o sintoma e/ou com a busca por uma forma de entender o sintoma e qual seu lugar no mundo: filme *Entrevista com o vampiro* direção de Neil Jordan (1994). O livro *Além do bem e do mal* Nietzsche (1886), o livro *A Metamorfose de Kafka* (1920), o livro *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1931), o livro *Noites Brancas*, Dostoiévski (1848). O filme *Doni Darko* direção Richard Kelly (2002), *Clube da Luta* direção de David Fincher(1999).

- Livros e filmes que possuem conteúdos identificatórios sobre a sociedade em que este grupo de automutilação está inserido: o filme *Clube da Luta* direção de David Fincher (1999), o livro *A Metamorfose* de Kafka (1920), o livro *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley (1931), *Elephant* de Gus Van Sant (2003).

4.4. Análise dos conteúdos dos tópicos da comunidade *Self-Mutilation Addicts*

A autora desta dissertação realizou o estudo exploratório da experiência do sintoma de automutilação respeitando os tópicos sugeridos pelo DONO ou integrantes da Comunidade (inclusive mantendo o próprio nome que o DONO ou integrante colocou), revelando os achados teóricos em cada tópico exposto.

4.4.1. Tópicos

4.4.1.1. Tipos de objetos cortantes (data 12.12.2004)

Neste tópico os integrantes relatam os objetos que eles utilizam para se automutilar.

Frases retiradas integralmente do tópico:

“Eu tb tenho meu canivete do bronx que eu sempre ando, e em casa tenho um punhal bonito, que já usei, mas que fica mais de enfeite na sala”(integrante A)¹⁴

“Fato aqueles objetos “toscos” porem valiosos...eu tinha o meu querido estilete...snif...mas sumiram cum ele..”. (integrante Dono)¹⁵

“Mas n há coisa mais cheia desutilezas como automutilação” (Integrante Dono)¹⁶

¹⁴ VIDE ANEXO 2, Tópico **Tipos de objetos cortantes**

¹⁵ VIDE ANEXO 2, Tópico **Tipos de objetos cortantes**

¹⁶ VIDE ANEXO 2, Tópico **Tipos de objetos cortantes**

4.4.1.2. Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica

Este tópico revela:

- Objetos de escolha: facas, giletes e navalhas;
- Afetos e fixação no objeto de escolha
- O aparecimento de rituais durante a automutilação.

A escolha de um objeto para a automutilação está ligada às primeiras experiências de vida da criança relacionadas à satisfação de um desejo, o qual só pode ser realizado através do uso de situações fantasmáticas, como descrito por Freud (1920) em *Além do princípio de prazer*, quando a criança, diante da ausência materna, era invadida pela angústia do abandono, desejando punir ou destruir a mãe como retaliação. Completamente impotente diante da satisfação deste desejo ou da situação de abandono, a criança fantasia, substituindo o desejo real de destruir ou vingar-se da mãe pela fantasia de jogar um carretel ao longe e puxá-lo, dizendo “sou eu quem domina a situação, eu decido quando você volta”. Vladimir Safatle (2004) no artigo *Gênese e estrutura do objeto do fantasma*, através da sua releitura dos textos Lacanianos sobre o objeto¹⁷ comenta que este é importante não por conter a parte do corpo da mãe, mas porque ele guarda a fantasia da realização do desejo que só se faz possível pela via fantasmática.

Após a infância o sujeito poderia realizar a mesma via fantasmática para obtenção de prazer. Nesta trajetória um objeto seria escolhido como aquele

¹⁷ LACAN, Jaques 1901-1981 **O Seminário – Livro 7 - A ética da psicanálise**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Edit. 1991. Pg 127 – 144 capítulo: O objeto e a coisa

que possibilita a realização do desejo, contendo a fantasia e também as lembranças infantis de satisfação relacionadas à possibilidade de obtenção de prazer no uso do objeto.

Sendo assim, os integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* descrevem objetos preciosos vinculados a prática de automutilação, porque nestes objetos acham-se as representações mentais do sujeito ligadas às lembranças mnêmicas, que estão relacionadas à satisfação da pulsão pela via da compulsão a repetição.

Segundo Vladimir (2004), este objeto nada mais é do que a derivação de uma forma relacional produzida pelas primeiras experiências de satisfação.

Interpretando a fala do integrante: “Fatoaqueles objetos “toscos” porem valiosos...eu tinha o meu querido estilete...snif...mas sumiram cum ele...” integrante Dono (*Ibid*). A palavra Tosco, segundo dicionário virtual (2011), significa um adjetivo para o que não foi lapidado, nem lavrado, tal como foi produzido pela natureza. Grosseiro, malfeito.

Evidenciando que este objeto estaria associado às primeiras experiências de vida, a solução do desvio da pulsão pelo uso da compulsão à repetição pela trajetória da elaboração de uma fantasia que desse conta de transformar a pulsão e assim realizar parte do desejo.

Ressalta-se ainda que estes objetos estão situados entre o corpo do sujeito e o corpo do outro. Lacan (1966) diz que a criança, em sua confusão entre o *eu* e o Outro, percebe o seio materno como parte dele. Quando o bebê é retirado do peito da mãe é como se ele (o bebê) emprestasse parte sua que lhe dá prazer ao Outro.

Os objetos escolhidos para automutilação conteriam o desejo do sujeito em ferir o outro, ao mesmo tempo em que, se não existiu uma relação de separação total entre o corpo do outro e o corpo do sujeito, estes objetos são utilizados para o sujeito ferir a si mesmo, porque assim (em sua fantasia) ele

feriria o outro. Segundo Vladimir (2004, p.10) “o fantasma é o cenário através do qual o sujeito produz um objeto para o desejo do Outro. Ele é um procedimento de entrelaçamento entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro, ou ainda, uma demanda de reconhecimento direcionada ao Outro”.

Sobre a frase do integrante Dono: “Mas n há coisa mais cheia desutilezas como automutilação.” A palavra criada “desutilezas” suscita a hipótese que a automutilação ainda que pretenda ser sutil, no sentindo de se esconder, ela se revela a todo instante.

4.4.1.3. Trilha sonora (data 01.12.2004)

“Tem alguma trilha sonora especifica para cada um se auto-flagelar? Ou o silencio eh o melhor ambiente?” (Integrante Dono)¹⁸

“Depende do momento... mas na maioria das vezes eu gosto de ouvir musica clássica: vivaldi, chopin, tchaikovsky...” (Integrante V)¹⁹

“Uma banda q sempre é bem-vinda nesses momentos é Motorheard e GG Allin” (Integrante G)²⁰

4.4.1.4. Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica

Neste tópico os participantes relatam a utilização de músicas enquanto se automutilam.

Aparecem relatos diversos: alguns ouvem música clássica, outros preferem não ouvir nada a não ser a própria dor. Evidencia-se a hipótese da ritualização do sintoma em alguns integrantes.

¹⁸ VIDE ANEXO 2 Tópico **Trilha sonora**

¹⁹ VIDE ANEXO 2 Tópico **Trilha sonora**

²⁰ VIDE ANEXO 2 Tópico **Trilha sonora**

O parágrafo que se segue busca a interpretação da automutilação para os integrantes que a fazem como um ritual, lembrando que nem todos os integrantes do grupo estudado realizam a automutilação com tanto requinte. Alguns a fazem no impulso momentâneo de conter uma pulsão.

Freud (1907), no texto *Atos obsessivos e a prática religiosa*, comenta que os pacientes ditos como neuróticos obsessivos possuem, em seu sintoma, rituais que muitas vezes não são percebidos por estes sujeitos. O caráter do sagrado destes rituais está na execução de cada detalhe; no caso da prática de automutilação: a escolha do objeto (normalmente o mesmo, como visto no item anterior), a presença de uma música ou o silêncio total, o local que o corte será feito, a profundidade, a forma, e a interrupção da automutilação caso alguém entre no local.

A semelhança entre o ritual da execução do sintoma e os rituais cerimoniais sagrados está nos *escrúpulos da consciência* (Freud, 1907), em cada detalhe para que a prática seja realizada. Cada parte do ritual tem um significado para o sujeito, assim como a cerimônia da missa católica traz significados: a óstia é o corpo de Cristo, o sujeito não pode morder porque morderia o corpo de Cristo²¹. Entretanto, diferente das práticas religiosas, o indivíduo não tem consciência do significado dos trâmites do ritual do sintoma. Freud expõe que estes rituais obsessivos parecem carregados de culpa, ligados a experiências mentais infantis.

A cerimônia pré-execução do sintoma já seria uma defesa ao surgimento da angústia e também há a permissão da relação de compromisso entre desejos instintivos e moral do *eu*, para que o sujeito desfrute o prazer do ato.

Ainda segundo Freud, os atos obsessivos seriam a religião individual, que através da realização de cada passo, de acordo com as normas criadas pelo aparelho psíquico do sujeito, permitiram a obtenção do prazer mediante a execução minuciosa.

²¹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eucaristia> (acessado 05/10/2010)

Dá-se então a explicação do prazer da automutilação apenas para os reais apreciadores.

4.4.1.5. Auto Flagelamento (data 08.08.2004)

“Mutilar-se representa total desprezo à matéria, manifesta expressão de alma inquieta, de completa autocracia “espiritual” e desdenha a natureza, de modo q esse ato, aos olhos alheios significa patologia cerebral ou distúrbio psicológico temporais, baseado em crises psico-melancólicas externas(caso dos pseudo góticos)” (integrante N)²²

“Concordo com tudo...e ainda coloco umas coisas como o “prazer” da dor, ou até mesmo ver ate onde consegue chegar, ou qto pode sangrar” (integrante O)²³

“Tudo q vira moda e em quantidade perde a verdadeira essência, temos q ser mais fechados como disse o J., apenas os reais apreciadores, senão vira moda e vão começar a fazer por fazer apenas!!!” (integrante E)²⁴

4.4.1.6. Descrição comentada dos conteúdos do tópico com o uso da interpretação psicanalítica

Neste tópico evidencia-se:

- A automutilação como desprezo à humanidade
- O prazer do autoflagelamento
- A possibilidade de testar seus próprios limites
- O reconhecimento da automutilação como algo só para “apreciadores da arte”.

Durante toda esta dissertação foram expostos temas relacionados ao prazer da dor, o desprezo, a sociedade e a busca por outros que apresentem o sintoma de automutilação.

²² VIDE ANEXO 2 Tópico Auto Flagelamento

²³ VIDE ANEXO 2 Tópico Auto Flagelamento

²⁴ VIDE ANEXO 2 Tópico Auto Flagelamento

Os trechos dos discursos deste tópico servem para constatar que o caminho teórico fundamentado pela psicanálise sobre o sintoma que esta dissertação utilizou está assegurado através dos achados práticos na investigação do sintoma.

O prazer na dor aparece na fala do integrante E “apenas os reais apreciadores”, aqueles que apreciam a dor, logo: aprecia (as) dores.

Não obstante, pontua-se que o sintoma tem um sentido na fala: “Tudo q vira moda e em quantidade perde a verdadeira essência, temos q ser mais fechados como disse o J., apenas os reais apreciadores, senão vira moda e vão começar a fazer por fazer apenas!”. Escolher cortar o corpo não é “fazer por fazer apenas” . É porque na realização do sintoma existem significados essenciais ligados a história do indivíduo. Lembrando a palavra essência no Dicionárioweb significa: “O que constitui a natureza de um ser, de uma coisa”.(<http://www.dicionarioweb.com.br/ess%C3%A2ncia.html> acessado em 10/10/2010)

4.4.1.7. Cortes: Simplesmente Estético ou doença? (data 06.08.2004)

Já ouvi falar de auto-punição, pessoas q fazem algo errado e depois para se perdoarem se castigam a si mesmas, acho que não é meu caso. Já ouvi também pessoas que sentem prazer em ir para shopping, passear no parque, fazer esportes, etc...Porra tenho direito de sentir prazer me cortando e ainda fica esteticamente bonito!!! (Integrante)²⁵

...concordo com a idéia da sensação de estar vivo, mas estar vivo não é necessariamente bom ou ruim. É ´penas fato. Sobre estética...eu realmente nunca fiz para mostrar para outros, mas gosto de ve-los e sentir a sensação de transpor esse limite tb. É algo que acontece esporadicamente e muitas das vezes movido pelo tédio”. (Integrante)²⁶

²⁵ Fala do integrante na data 06.08.2004, Tópico retirado da comunidade *Self-Mutilation Adiccts* na data 06.08.2007

²⁶ Fala do integrante na data 06.08.2004, Tópico retirado da comunidade *Self-Mutilation Adiccts* na data 06.08.2007

4.4.1.8. Descrição comentada dos conteúdos deste tópico, com o uso da interpretação psicanalítica

Neste tópico evidencia-se o valor estético da automutilação e a impossibilidade do grupo de observar tal comportamento como uma psicopatologia:

- O prazer do autoflagelamento;
- O valor estético do corte, a beleza do “ritual”: a cisão da pele, o sangue.

Um dos achados nestes discursos refere-se à situação de que se sentir vivo é apenas uma condição “não é necessariamente bom ou ruim”. O viver na Sociedade do Espetáculo não tem um significado único, o ser humano passa pela vida, sua existência não assegura nenhum propósito no social, ele apenas está vivo e como diz a integrante do grupo, a automutilação surge como a possibilidade de livrá-la do tédio, da sensação vigente do estado próximo da morte ao inorgânico. Retomando o que Slavoj Žizek (2003) conceitua, fazer o corte na pele é uma atitude para que o indivíduo se sinta vivo novamente.

Assim a interpretação das escolhas dos livros e filmes ganha forma, pois traz o mesmo conteúdo: a busca por se sentir vivo, em uma sociedade composta pelo que Palahniuk (2000), autor do livro *O Clube da Luta*, define como filhos do meio: sujeitos que não possuem nenhum grande objetivo de vida, que vivem em um mundo que tudo que poderia ser dito ou feito já foi realizado antes do nascimento deles.

4.4.1.9. Forma (data 20.11.2004)

Neste tópico os integrantes relatam o local do corpo e a existência de desenhos ou formas no ato.

“Eu curto ficar escrevendo ou desenhando mesmo, no braço e antebraço, ate sangra ja fiz na barriga tb mas braço é mais da ora haha desde pequeno :S” (Integrante)²⁷

“ Os traços arredondados sempre são meio difíceis e saem toscos demais...então a maioria das vezes são traços mesmo. Um perto do outro, principalmente no peito, barriga e braços ...nunca cheguei ao ponto de ter que ir pro hospital! ;) principalmente pq eles iam me encaminhar pra algum outro lugar depois...” (Integrante)²⁸

4.4.1.10. Descrição comentada dos conteúdos deste tópico, com o uso da interpretação psicanalítica

Achados do tópico:

- Braço, antebraço, barriga e pernas como locais de referência para o ato de automutilação.
- Os cortes podem apresentar desenhos.

Este item necessitaria de um contato individual com cada integrante, com o intuito de entender o que o corte, o desenho, os traços arredondados podem trazer de significados.

Entretanto, nota-se que a automutilação contém vários significados que vão desde sua repetição, passando por rituais elaborados (música, local, parte do corpo), ver o sangue, o prazer da dor e o traço que o corte terá (se apresentará letras, desenhos ou simples cortes).

²⁷Fala do integrante na data 20.11.2004, Tópico retirado da comunidade *Self-Mutilation Adiccts* na data 06.08.2007

²⁸ Fala do integrante na data 20.11.2004, Tópico retirado da comunidade *Self-Mutilation Adiccts* na data 06.08.2007

5. CONCLUSÃO

A proposta desta dissertação sobre a compreensão da experiência de automutilação surge com a possibilidade de observá-la na sociedade contemporânea. A autora desta dissertação acredita que qualquer estudo sobre o ser humano estaria fragmentado caso retirasse o humano de seu mundo. Merleau-Ponty (1945) descreve o humano como um ser mundano onde mundo e humano influenciam-se concomitantemente, sendo ao mesmo tempo agente de mudanças e receptor delas.

Esta dissertação procurou pesquisar a experiência de um grupo sobre o sentido do sintoma em suas vidas, este grupo estaria situado no habitat do mundo contemporâneo, chamado de *Cyberespaço*, no qual o humano contemporâneo encontra-se muitas horas por dia e que vem adquirindo grande espaço na sua vida.

Esta proposta de estudo almejou abranger a experiência de vida daqueles que possuem o sintoma em um ambiente que não se restringisse ao *setting* analítico, acreditando que em um local mais amplo e sem a presença direta do olhar do psicólogo, os questionamentos que surgiriam sobre o sintoma ganhariam outros contornos, abrangendo um diálogo destes integrantes com seu mundo.

É importante ressaltar que a proposta de pesquisar um grupo no *cyberespaço* surge antes da pesquisadora ter conhecimento da comunidade *Self-Mutilation Addicts*.

Em sua busca, a pesquisadora inicialmente encontrou um grupo norte americano. Mas como a metodologia e o foco do trabalho privilegiam entender o sintoma em uma perspectiva sócio-histórico brasileira, ela reiniciou sua busca em site de relacionamentos composto por comunidades virtuais brasileiras, focando em seu mundo e assim utilizando sua experiência como um ser mundano.

A pesquisa se inicia ao encontrar o grupo *Self-Mutilation Addicts* na internet: primeiro grupo brasileiro sobre automutilação que na data atual não existe mais no Orkut, sendo este retirado pela própria dona da comunidade (pessoa que fundou a *Self-Mutilation Addicts*).

Salienta-se que a autora em questão nunca escreveu no grupo de automutilação e que apenas participou como observadora, assim evitando o direcionamento para as questões que ela possuía sobre o estudo do sintoma e estabelecendo uma postura ética ao observar somente os dados que eram de domínio público, tanto na página pessoal dos integrantes (*home*), como também os conteúdos dos tópicos da comunidade, que eram propostos pela criadora da comunidade ou por seus integrantes.

A pesquisa sobre compreensão da experiência de automutilação está circunscrita em um período sócio-histórico cultural e focada na comunidade virtual *Self-Mutilation Addicts*. Os resultados e a conclusão referem-se particularmente a este universo. Freud (1930) em *Mal estar da cultura* expõe que a predominância de algumas psicopatologias e sintomas está ligada a um determinado momento social, podendo modificar-se conforme a subjetividade da época.

Sendo assim, antes de dissertar sobre o sintoma de automutilação era preciso compreender qual a visão que estes integrantes possuíam da sociedade em que eles estão inseridos.

Esta compreensão foi possível através dos achados nos tópicos da comunidade e nas variáveis descritivas que apresentaram a predominância de alguns livros, como *Admirável mundo Novo* (Aldous Huxley, 1931), *1984* (George Orwell, 1949), *Revolução dos Bichos* (George Orwell, 1945), *A Metamorfose* (Kafka, 1920), e filmes: *Clube da Luta* (David Fincher, 1999), *Donnie Darko* (Richard Kelly, 2002), e *Elephant* (Gus Van Sant, 2003), os quais possuem conteúdos ligados a exclusão social e a uma sociedade invasiva que exige do humano um funcionamento quase mecânico, sem grandes questionamentos

sociais, apenas reproduzindo o que já está colocado no mundo. Palahniuk (2000), autor do livro *Clube da Luta* que deu origem ao filme homônimo, descreve o humano atual como o *filho do meio*; o que para este autor significa “aquele que não tem um lugar no mundo”, cabendo apenas repetir o que já foi feito antes de seu nascimento, sentindo desprezo de si mesmo sobre sua existência insignificante.

Os conteúdos destes livros e filmes apontam para a fundamentação teórica de Guy Debord (1997), Lipovestky (1993), Slavoj Zizek (2003) e Joel Birman (2000) sobre a sociedade contemporânea: uma época hedonista, fragmentada, na qual o sujeito só consegue ser visto pelo outro na esfera do espetáculo.

Joel Birman (2000) e Guy Debord (1997) descrevem o mundo atual como sociedade do espetáculo, o qual a subjetividade da contemporaneidade está ligada a imagem: a breve captura do corpo do sujeito pelo olhar do outro. Como se o humano fosse uma fotografia, possível de ser retido em um olhar rápido.

Segundo estes autores, o olhar do outro é captado pela esfera do espetáculo, não há tempo para a subjetividade do discurso, o diálogo se perdeu. A história individual ou familiar não tem mais espaço no mundo atual. Não importa quem eram as pessoas que morreram em uma determinada catástrofe, mas quantas eram. Se o evento foi maior que o anterior, se as imagens transmitidas pela TV são chocantes, assemelhando-se aos grandes filmes de catástrofes.

Então, para que o humano se sinta vivo no olhar do outro, para que ele prenda este olhar por alguns instantes. Ele precisará ter algo que fuja do aspecto comum, seja pelo corpo perfeito ou pelo excesso de modificações corporais.

Joel Birman (2000) em sua reflexão sobre o mundo atual, expõe que o indivíduo é extensivamente estimulado, tanto pelo enorme volume de

informações, quanto pela obrigatoriedade do sentir em excesso e vivenciar o novo. Neste contexto, o indivíduo vive o engodo da onipotência, ele tem acesso a todo tipo de informação, muitas vezes em tempo real; ele pode modificar seu corpo até que ele se torne “enganosamente” perfeito, pode também escolher que sexo que seus filhos terão e impedir que seus descendentes sejam vítimas de imperfeições genéticas. Aparentemente ele pode tudo; entretanto na realidade ele pouco pode fazer sobre si mesmo, sobre o que ocorreu em seu íntimo. O qual após ter sido extremamente estimulado no excesso, já não sente o que é estar vivo. Então, o que é estar vivo nesta sociedade? Qual o lugar do ser humano? É apenas passar, como diz uma integrante do grupo de automutilação:

“...concordo com a idéia da sensação de estar vivo, mas estar vivo não é necessariamente bom ou ruim. É ‘penas fato. Sobre estética...eu realmente nunca fiz para mostrar para outros, mas gosto de ve-los e sentir a sensação de transpor esse limite tb. É algo que acontece esporadicamente e muitas das vezes movido pelo tédio”. (Integrante)

Longe de um futuro promissor, do estrelato ou do sensacionalismo, o ser humano atual apenas está no mundo que o invade todos os dias dizendo “você pode tudo é só querer!”, “homem de sucesso: doze anos e construiu um império, carros, mansões!”. Note, esta sociedade dita o que é ter sucesso pela acumulação dos bens de consumo. O homem de sucesso não é aquele que educa seus filhos, que passa noites em claro ao lado dos seus filhos quando eles adoecem e ainda sim vai trabalhar no dia seguinte, que tem um relacionamento amoroso com respeito e compreensão mútua. O homem de sucesso é o que está em todas as festas, com os melhores carros, sempre sob os holofotes.

Slavoj Zizek (2003) diz que a realidade atual é semelhante à fantasia, sendo um pesadelo fantástico. Onde o excesso apresenta-se em todas as dimensões: ter, sentir, experimentar.

Este é o mundo que os integrantes do grupo *Self-MutilationAddicts* revelam. O universo de filhos do meio como descrito por Palahniuk (2000), de

peessoas que vivem a tensão angustiante cotidiana do anonimato indiferente dado a eles pelo olhar do outro. Que muitas vezes, no meio de uma confusão de sentimentos ou do tédio da indiferença social, usaram seu corpo como forma subjetiva de se vingar do mundo e/ou de si mesmo por não conseguirem ser tão brilhantes ou tão alienados ao ponto de permitir o passar dos dias sem o menor questionamento, que no engodo de sentir vivo experimentaram no excesso ou na euforia, perdendo a sensação do que era realmente estar vivo. São pessoas que vivem a diluição de seu corpo ao mesmo tempo em que são invadidas pelos desejos incoerentes de perfeição do corpo, obtenção irracional de coisas vindo da sociedade e dos outros.

Poder-se-ia discursar por inúmeras páginas, sobre os fundamentos teóricos da psicanálise ou de outros autores que falam sobre necessidade de pontuar o limite entre o corpo do sujeito e os dos outros, ou ainda descrever minuciosamente sobre o significado das marcas corporais irreversíveis. Mas, antes disto se fala do humano, da necessidade de procurar um lugar para si, para sua diferença. Como o personagem Louis de *Entrevista com o Vampiro*, o qual apesar de ter ganhado a imortalidade, ela se torna risível, perto de seus dias em busca do que ele é e da sensação constante de ser um morto-vivo.

Antes de falar sobre o sintoma de automutilação, fala-se do humano, daquele que não tem outra saída para se sentir vivo além de procurar em seu próprio corpo emoções que julga não mais possuir. Lembrando do comentário de Slavoj Žižek (2003, p. 24) sobre a automutilação nos dias atuais:

Longe de ser uma atitude suicida, longe de indicar o desejo de auto-aniquilação, o corte é uma tentativa radical de (re)dominar a realidade ou, o que é o outro aspecto do mesmo fenômeno, basear firmemente o ego na realidade do corpo contra a angústia insuportável de se sentir inexistente.

Mediante os vários achados descritivos relacionados à existência de uma sociedade invasiva que dita o que é certo e errado, pode-se pensar que não existe uma separação total entre o corpo do indivíduo e a sociedade, o

sujeito está diluído e perdido entre querer ser o personagem que a sociedade exige que ele seja: onipotente, bem informado, com um corpo perfeito e que não sinta angústia; e o que ele realmente é: um ser humano com dúvidas, falhas, que nunca chegará à perfeição quase mecânica exigida pelo mundo atual. Vingar-se da sociedade ao mesmo tempo em que pode se sentir vivo é a possibilidade que a automutilação trás, recordando a fala da integrante:

Mutilar-se representa total desprezo à matéria, manifesta expressão de alma inquieta, de completa autocracia “espiritual” e **desdenha a natureza**, de modo q esse ato, aos olhos alheios significa patologia cerebral ou distúrbio psicológico temporais, baseado em crises psico-melancólicas externas(caso dos pseudo góticos) (integrante N)

Seguida da fala:

Concordo com tudo...e ainda coloco umas coisas como o “prazer” da dor, ou até mesmo ver ate onde consegue chegar, ou qto pode sangrar (integrante O)

Após esta breve explicação sobre a sociedade que os integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* vivem, passar-se-á para o diálogo entre os resultados achados nesta dissertação e a elaboração de outros autores sobre o tema.

Freud (1920) comenta no texto *Além do Princípio de Prazer* que a angústia surgiu antes do sintoma que tem como emprego a possibilidade de evitar o emergir da angústia. Esta surge quando o aparelho psíquico se defronta com a fantasia ou com a realidade da destruição psíquica frente a uma pulsão, seja ela interna ou externa.

As primeiras sensações de angústia que o ser humano percebe acontecem no início de sua vida, como a fome que o bebê sente e a situação fantasiada do real da ausência materna. Quando o aparelho psíquico ainda não está pronto para enfrentá-las pela via do princípio de prazer. Então, diante de uma possível sensação que o levaria a destruição psíquica, o aparelho mental recorre às defesas ligadas aos instintos primitivos que posteriormente serão

intitulados por Freud de pulsão de vida e pulsão de morte. Diante da angústia o primeiro impulso é usar defesas que levariam o corpo ao estado anterior a pulsão, conseqüentemente ao estado inorgânico. Entretanto a pulsão de vida impediria o retorno para o estado inorgânico, fazendo o trabalho através da repetição até que toda excitação estivesse transformada.

Tal processo está associado ao início da vida do bebê, quando ele não tem noção dos seus contornos físicos e algumas partes do corpo são ditas como erógenas, tais como pé, boca, língua e mãos. Assim a pulsão seria desviada a uma parte de corpo, tomando a parte pelo todo.

Ao analisar o exemplo de Freud sobre o jogo da criança e seu carretel, percebe-se que é através da repetição que ele sai do estado passivo de receber a angústia quando se sente abandonado pela mãe, para o estado ativo utilizando a fantasia para reorganizar seu equilíbrio psíquico. Vingando-se da mãe através do jogar o carretel longe e puxá-lo, como se assim dissesse “sou eu que abandono você, sou eu quem decide se você fica ou vai”.

Vladimir Safatle (2004), no artigo *Gênese e estrutura do objeto do fantasma*, comenta que o objeto (carretel) é importante não porque ele contém a parte do corpo da mãe, mas porque ele guarda a fantasia da realização do desejo que só se faz possível pela via fantasmática. O bebê não entende que o seio materno foi retirado da sua boca, porque ele não se vê como um ser e a mãe como outro, na sua percepção o seio é algo retirado do corpo dele e levado para longe. As fantasias alucinatórias do bebê buscam o resgate da parte que foi retirada que continha a realização do desejo que só se faz possível pela via fantasmática.

Se o infante não percebe a separação entre ele e o outro, ferir a si mesmo seria uma forma de ferir o outro que está introjetado. Entretanto, com o ferimento, o aparelho psíquico que havia iniciado o processo de deslocamento da pulsão nociva pelas vias instintuais primitivas desvia sua atenção para o órgão que sente a dor física. Ficando momentaneamente suspenso o conflito psíquico iniciado pelo surgimento da angústia.

Com este alívio momentâneo, o prazer surge como um ganho secundário, no desvio da dor psicológica para dor física; e na possibilidade de que ao sentir seu corpo, ainda que pela dor, aconteça o retorno a consciência de seus contornos corporais, saindo da sensação de se sentir diluído com o outro. O prazer também estaria associado simbolicamente ao sujeito se vingar do outro através de ferir a si próprio. A dor surgiria como prazerosa, como dito pelo integrante:

Concordo com tudo...e ainda coloco umas coisas como o “prazer” da dor, ou até mesmo ver ate onde consegue chegar, ou qto pode sangrar (integrante O)

Poder-se-ia dizer então que a repetição da automutilação surge do mecanismo realizado pelos instintos primitivos descritos no texto de Freud (1920) *Além do Princípio de Prazer*, com a hipótese que a escolha do título do livro para *Além do Bem e do Mal* (Nietzsche, 1886) teria entre os vários aspectos que levaram alguns integrantes ao elegê-lo como um dos seus livros prediletos: a relação subjetiva (inconsciente) deste título com a amplitude do sintoma e dos mecanismos de compulsão à repetição do sintoma realizado pelos instintos primitivos.

Segundo Laplanche (1972) o ego se focará no corte (ferimento) voltando completamente para solucionar a dor. Para finalizar, a cicatriz torna-se uma marca de separação do *eu* e o outro, por isto há uma área erotizada, onde existe a certeza de que o sujeito está vivo. Para este autor, no sadomasoquismo existem sempre duas pessoas, pois ainda que o ato seja ferir a si mesmo, o eu estaria identificado com o outro, fragmentado, sem a possibilidade de determinar os limites entre o eu e o outro. Logo se mutilar é mutilar ao outro.

(...) no “eu me faço sofrer”, há a instauração de uma cena subjetiva com, pelo menos, dois personagens: “eu me faço sofrer” é sempre, de um modo ou de outro, “eu faço sofrer em mim o outro que aí pus”. Há um desdobramento interno. E não somente o me, de “eu me faço sofrer”, é um outro, mas é preciso entender – e é esse o tema do superego – que o eu, também é um outro.

Karl Meninnger (1938) em seu livro *Eros e Tânatos, o homem contra si próprio* no capítulo *Automutilação* comenta que o que determina o ato de automutilação é a sua natureza não o grau de severidade da mutilação. Então, até o roer de unhas repetitivo estaria no contexto da automutilação, associado ao compromisso entre as “satisfações culpadas” e a punição. Ainda segundo este autor, a automutilação se apresentaria como a expiação de um desejo proibido, ainda inconsciente, mas que levou o eu a sentir-se culpado. Entretanto a autora desta dissertação não conseguiu provar a hipótese que a automutilação estaria relacionada a punição como expiação da culpa. Talvez porque esta interpretação exigiria um contato direto com os integrantes do grupo, no viés da clínica, pois muitos desejos serão sempre inconscientes ao sujeito e só através da escuta analítica é que eles poderiam ser desvendados.

Já para Ana Costa (2003) em seu livro *Tatuagem e Marcas Corporais*, o local da modificação corporal, sejam elas tatuagens, *piercings*, automutilações ou escarificações tornam-se erotizadas porque funcionam como um enigma para o olhar do outro. Para ela, as modificações corporais irreversíveis demonstram a necessidade do humano em colocar limites entre o *eu* o mundo externo. A identificação do sujeito liga-se a marca, pontuando o sujeito como singular e determinando limites e contornos entre o que é do seu corpo e o que é do outro. Ana Costa não diferencia os mecanismos que levam o sujeito a realizar a automutilação dos mecanismos do feitiço da tatuagem.

Um dos principais questionamentos sobre a diferença da automutilação e das tatuagens para Dinamarco, Adriana V. (2011) autora desta dissertação é a diferença de como estes sujeitos se apresentam ao outro (ou para o mundo externo). Se a tatuagem captura o olhar do outro e é feita para ser revelada, a automutilação é feita para se escondida. A solução deste enigma, como hipótese, é a proximidade de ambas em marcar o lugar do sujeito, delimitando o *eu* e o outro. Ambas possuem o local da marca erotizado. Contudo a automutilação seria uma certeza que o sujeito tem para si mesmo que naquele momento do corte e a posterior aparecimento da marca ele existe. Enquanto que na tatuagem e *piercing* o sujeito se inscreve no traço social, no meio social-histórico e cultural. Ou seja, os impulsos que levariam à automutilação

seriam aqueles ligados ao bebê tomando para si seu corpo, antes fragilizado, fragmentado e diluído no corpo materno. Aqui haveria o desejo bruto, não trabalhado e inadiável de religar o corpo aos limites, ligado a angústia de morte de dissolução do sujeito e a necessidade abrupta de se fazer vivo novamente. Enquanto que na tatuagem haveria a elaboração do impulso, com o adiamento do desejo da marca, procurando uma solução aonde ele possa existir não só para si como para o outro.

Na automutilação o olhar do outro é percebido como hostil, por isto as marcas escondidas, existindo as fantasias e o temor do julgamento do Outro. Na fantasia do sujeito, se o outro souber de suas cicatrizes, ele será percebido como um objeto estranho, um sujeito que se inscreve além da margem do mundo do outro, fora dos limites de normalidade. Porque as marcas o tornariam um sujeito aberrante, o que o leva a passar a vida toda escondendo suas marcas, ou tentando apagá-las, ou ainda tentando dar outro sentido como fazer uma tatuagem em cima da cicatriz.

Na tatuagem, escarificação, ou outras formas, o olhar do outro é necessário para que o sujeito perceba-se vivo e diferenciado de todos. Neste contexto o sujeito existiria como um ser único, através do enigma proposto pela marca. Exemplificando: mesmo as pessoas que possuem tatuagens escondidas e dizem que fizeram apenas para elas, ao conhecerem afetivamente alguém, formando vínculos com o outro, compartilham da história de suas tatuagens.

Esta dissertação, através dos resultados, postula uma compreensão sobre a escolha dos integrantes por um objeto em particular para executar a automutilação. Averigua ainda que o integrante possui uma relação afetiva com este objeto. A pesquisadora procurou entre os autores utilizados nesta dissertação que falam das marcas corporais irreversíveis na atualidade alguma descrição sobre esta escolha, entretanto não achou nenhum comentário nas obras pesquisadas. Logo, ela fundamenta-se em Vladimir Safatle que em seu artigo (*Ibid*) expõe sobre a representação do objeto do fantasma, ou objeto a (Lacan apud Vladimir Safatle), comentando que estes objetos estão repletos de

simbolismo e afeto, porque eles são a possibilidade da realização do desejo e as lembranças prazerosas infantis quando a criança já utilizava objetos para representar uma solução para a impossibilidade da realização do seu desejo na realidade.

Fato aqueles objetos “toscos” porem valiosos...eu tinha o meu querido estilete...snif...mas sumiram cum ele...(integrante Dono).

Os rituais também aparecem no sintoma de automutilação descrito pelos integrantes. Segundo Freud (1907) em *Atos compulsivos e a prática religiosa*, estes rituais acontecem porque cada etapa deles está ligada a um significado e a resolução dele em sua totalidade representa a “expição” da culpa. Segundo Freud, estes rituais estão repletos de culpa e ligados a representações mentais infantis, mas o sujeito não possui acesso consciente do porque realiza cada passo do ritual, nem o que ele significa.

Categorizando os achados deste estudo, em um resumo:

- A existência de rituais de automutilação.
- A beleza descrita no ato e no corte
- A descrição de afetos direcionados ao objeto de escolha para o ato de autoflagelamento
- O descaso à humanidade e ao corpo
- Autoimagem distorcida, o sentimento de ser parte de algo grandioso, e a possibilidade de ir além dos limites impostos pela sociedade.

É necessário salientar que muitas perguntas requeridas pelo formulário da *home* para inscrição no sítio do Orkut não obtiveram respostas em todos os itens. Pontua-se também que o corpo estudado neste trabalho está no *Cyberespaço* e que este corpo, como já dito na introdução desta pesquisa, é um corpo criado pelo usuário; suas manifestações estão ligadas ao desejo daquele que o inscreve no Orkut, sendo este existente no campo da realidade psíquica. Logo, questões sobre o gênero no mundo real, assim como a idade

destes integrantes, estarão atravessadas pela realidade que o sujeito criou para si em um habitat chamado *Cyberespaço*.

Entre os vários autores pesquisados sobre o tema da automutilação no mundo contemporâneo, os estudos de Nelson da Silva Jr e autores (2008) e de Adriana Vilano Dinamarco (2011) sobre o sintoma resultaram em achados teórico-clínicos semelhantes, confirmando-se mutuamente na implicação dos resultados e das hipóteses levantadas. Ele expõe que a automutilação não está ligada a uma estrutura específica psíquica como psicóticos, neuróticos ou histéricos, mas sim a uma sociedade narcísica e consumida pelo prazer inalcançável de um ideal de Eu exigente que nunca consegue ser, ou ainda lidar com a falta. Nelson da Silva Jr e autores realizaram uma pesquisa nomeada como *Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito* com entrevistas semi-dirigidas em sujeitos que possuíam modificações corporais irreduzíveis (tatuagens, *piercings*, cortes) com o intuito de entender o significado do ato. O resultado desta pesquisa é tão promissora para a esta tese que se usará a descrição textual dos pesquisadores:

- 1 - o fenômeno da repetição, muito frequente (SCARAMOZZINO, 2004), pode ser observado nos casos de tatuagem (na presença de uma cobertura total ou quase total do corpo) (Pailler, 2004), mas também nos casos de escarificação em que se sublinha a colocação em jogo da dimensão pulsional, através da compulsão à repetição;
- 2 - a entrada em jogo da pulsão escópica pela captura do olhar do outro – sob a forma de provocação, por exemplo – é evocada;
- 3 - a noção, frequentemente mencionada, de “se fazer” tatuar ou de se fazer um corte traz a questão do corpo como objeto sob uma forma mais ou menos passiva e dolorosa;
- 4 - a função erótica do corte é igualmente enunciada e põe em jogo um mais além do prazer; o corte como zona erógena artificial aparece nas entrevistas;
- 5 - citamos, enfim, a preponderância dos enunciados relativos à dor, seja no sentido de um alívio da tensão psíquica após a escarificação, seja na ausência de dor no momento da escarificação, seja, ainda, na marca corporal como busca de uma manifestação intensa de prazer (apud Nelson da Silva Jr e autores, 2008, pgs 147-148)

Assim sendo, a automutilação é o sintoma que surge numa cultura que está marcada pelo real no excesso, no exagero, sem filtros. Que irrompe na

pele, exposto no que é o órgão mais externo do homem, limítrofe entre o interno e o mundo externo.

O corpo na sociedade atual é então usado como forma de expressão bruta, “a flor da pele”: o sangue, o ato e a dor física sugerem a certeza da vida.

Para finalizar, após a instalação do sintoma, este perde sua dimensão de estranheza para o indivíduo e ganha corpo no fetichismo, nutrindo-se de dimensão ritualística, posições totêmicas, marcando o indivíduo ou grupo, além da satisfação erótica e solitária.

Esta pesquisadora espera que no futuro outros possam investigar o sintoma de automutilação e que ao lerem seu trabalho entendam a paixão, a determinação e a ética que ela possui ao estudar a experiência da automutilação para os integrantes deste grupo.

Que quando pouse, ainda que momentaneamente, o olhar sobre esta pesquisa, entenda que não é uma verdade absoluta, que está em constante mudança. Porque o mundo em que vivemos transformar-se a cada dia e que estes integrantes não eram só um corpo com um sintoma, mas humanos que vivenciam a experiência de possuir o sintoma. Porque estas pessoas vivem ou viviam em uma sociedade do espetáculo, em uma era que eles usavam ou usam seu corpo para se sentirem vivos, para dizer ao outro e para si mesmo “eu existo”; e tiveram a coragem de procurar outros semelhantes a eles, expondo seus conteúdos em site de internet que muitos viram. Fazendo-se existir perante uma sociedade “normatizante” a qual muitas vezes os coíbe de sentir.

Que os próximos pesquisadores tenham a ética de permitir que suas pesquisas se deformem que muitas vezes os postulados teóricos só causem maiores questionamentos e não certezas absolutas.

A autora almeja ter observado os integrantes do grupo *Self-Mutilation Addicts* como seres humanos que acordam todos os dias e vivem suas vidas sabendo que são únicos, que buscam seu lugar em um mundo que muitas vezes não permite e não se importa com sua existência. Como se a pele gritasse em uma sociedade que não ouve suas vozes.

É com muita emoção e com a certeza de ter feito “além” do que eu (a autora) acreditava conseguir que encerro esta pesquisa. Mas, saiba o leitor que tudo que eu pesquisei me permitiu um crescimento pessoal e intelectual, que me suscitou tantas questões as quais no passar do dias trarão outras pesquisas sobre não só o sintoma de automutilação, mas o que é ser humano e estar no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKUNIN (1882). **Deus e o Estado**. Trad. Elza Galdino. São Paulo. Ed. Del Rey, 2006.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

CAMUS, Albert (1942). **O Estrangeiro**. Trad. Valerie Rumjanek. 10. Rio de Janeiro, ed. Record, 1980.

CAMUS, Albert (1947). **A Peste**. Rio de Janeiro, Abril Cultural 1984.

Comunidade Self-Mutilation Addicts, Orkut.Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=727998&sid=988327062325749561>>. Acesso em: novembro/2004.

COSTA, Ana. **Tatuagens e marcas corporais: atualizações do sagrado**. Casa do Psicólogo, 2003.

DEBORD, Guy (1997). **A sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2000.

DENZIN NK, Lincon YS (1994). **Handbook of qualitative research**.Thousand Oaks, Sage.

Dicionário Virtual BABYLON. Disponível em <www.babylon.com>. Acesso 03 fev 2010.

DOSTOIÉVSKI F. (1848) **Noites Brancas**. Tradução Nivaldo dos Santos. São Paulo, Ed. 34, 2005.

DOSTOIÉVSKI F. (1864) **Notas do Subsolo**. Tradução Maria Aparecida B. P. Soares. São Paulo, Ed. L&PM editores, 2008.

DOSTOIÉVSKI F. (1866) **Crime and Punishment**. EUA, Ed. Norton Critical Editions, 1989.

DOSTOIÉVSKI F. (1872) **Os Demonios**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Ed. 34, 2004.

ESPER, Elisa Maria Barbosa E. M. B; NEDER. M. (2004) **O corpo contemporâneo**. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9. Foz do Iguaçu. Anais... Centro Reichiano. CD-ROM. [ISBN - 85-87691-12-0].

FREUD, S. (1907) **Atos obsessivos e práticas religiosas**, ESB, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). **Os instintos e suas vicissitudes**. ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 129-162.

FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer**. ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 17-85

FREUD, S. (1923). **O ego e o id**. ESB, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 13-83.

FREUD, S. (1926). **Inibição, sintoma e angústia**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 107-198

FREUD, S. (1927). **O futuro de uma ilusão**. Coleção Os Pensadores, vol. Freud. Tradução de José Otávio de Aguiar Abreu. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FREUD, S. (1930). **O mal-estar na cultura**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas. Vol. XXI, pp. 81-178. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1933). **Angústia e vida pulsional**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1980, pp. 103 -128.

GASPARD, Jean Luc. (2008), **Clinique du monosymptôme: La psychanalyse et ses limites**. Conferência proferida no âmbito da Jornada de Estudos do CLINP, realizada em 30 de outubro de 2008, no Auditório do CFCH. Campus da Praia Vermelha, UFRJ, traduzida por Marcelo Veras (Doutorando-UFRJ); transcrição do texto: Leonardo de M. Ferreira (Psicólogo) e Deborah Tenenbaum, Nathalia Schmidt e Rafael P. Fischer (Bolsistas IC); revisado pelo autor.

GIBSON, William. (1984) **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1991.

GIORGI, A. **Sketch of a psychological phenomenological method**. In A. Giorgi, (Ed.), Phenomenology and psychological research. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

HEATH, N. L., Toste, J. R., & Beet-tam, E. (2007, November). **School counsellor 's experiences with self-injury in the schools**. Paper presented at the Canadian Academy for Child and Adolescent Psychiatry annual conference, Montreal, Quebec.

HERRMANN, Fabio (2004) **Pesquisa Psicanalítica**. Cienc. Cult. vol.56 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2004.

- HIST H. **A Obscena Senhora D**, Massao Ohno. Campinas, São Paulo, 1982.
- Houaiss. A. (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva Ltda, 2007.
- HUITÉMA, Christian. **Et Dieucréal`Internet**. Paris: Eyrolles, 1995.
- HUXLEY, Aldous (1931). **Admirável Mundo Novo**. São Paulo, Ed. Abril S.A Cultural e Industrial, 1974.
- JAPIASSU, Hilton. **A pedagogia da incerteza e outros estudos**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- KAFKA, Franz (1920). **A metamorfose**. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KAFKA, Franz (1920). **O Processo** Rio de Janeiro: Globo, 2003.
- LACAN, J. (1966). **Écrits**. Paris: Seuil.
- LACAN, J. (1966). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad). Rio de Janeiro: Zahar. 1998, pp. 96-103.
- LACAN, Jaques. **O objeto e a coisa**. In: O Seminário – Livro 7 - A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edit. 1991. pp. 127 – 144.
- LAPLANCHE e PONTALIS: **Vocabulário da Psicanálise**, São Paulo: Martins Fontes. 1998, p. 384.
- LAPLANCHE, Jean (1972). **Problemáticas I. A angústia**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 1987,p. 213.
- LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIPOVETSKY, G. **A era do Vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barcelona: Editora Gallimard, 1993.
- MAIA, M. S. **O ideário contemporâneo de subjetividade e os modos de subjetivação**. In: Maia, M. S. Extremos da alma: dor e trauma na atualidade e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Garamond, 2003, pp. 63-90.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/ EDUC, 1989.
- MENNINGER, Karl (1938). **Eros e Tânatos: o homem contra si proprio**. São Paulo, Ibrasa, 1970, cap. Automutilação.

MERLEAU-PONTY, M. (1945). **Phénoménologie de La perception**. Paris: Gallimard.

MEZAN, R. **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MIELI, Paola. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

MIJOLLA, A. **Dicionário internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.pp. 1743 – 1748.

MOREIRA, Virginia (1987): **O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004) Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(3), pp. 447-456.**

NEUTER, Patrick De. **Do sintoma ao sinthoma**. In: Dicionário de psicanálise Freud & Lacan.Salvador: Ágalma, 1994. pp. 247-258.

NIETZSCHE, Friedrich (1886). **Além do Bem e do Mal**. tradução de Paulo Cesar Souza, São Paulo: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (1888). **O anticristo**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2003.

Orkut. Disponível em:
<<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=727998&sid=9883247062325749561>>. Acesso em: novembro/2004.

ORWELL, George (1945). **A Revolução dos Bichos**; tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Globo, 2003.

ORWELL, George. **1984** (1949). Tradução de Wilson Velloso. 23. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1996.

PALAHNIUK, Chuck (2000). **Clube da Luta**. São Paulo: Nova Alexandria.

PICHON-RIVIÉRE, Enrique. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REISFELD, S. **Tatuages: una mirada psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

SAFATLE, Vladimir (2004) no artigo **Gênese e estrutura do objeto do fantasma (Genèse et structure de l'objet Du fantasme chez Lacan)**, Revista Psicologia clínica, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2004.

SALINGER, J.D. (1951). **O apanhador no campo de centeio**. Trad. Álvaro Alencar. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA Jr., Nelson., et al **Estudo das marcas corporais na modernidade: sustentar a causa do sujeito**, Lat.-Am. Journal of Fund. Psychopath. Online. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 143-152, nov. 2008.

SÓFOCLES. **Édipo rei**. trad. Donaldo Schüller. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

TURATO, E. R. (2003). **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.

Wikipedia. Página sobre o Orkut. Disponível em
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em: 10.nov. 2010.

Wikipedia. Resumo do Filme Clube da Luta. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fight_Club> Acesso 10.dez.2010.

Wikipedia. Resumo do Filme DonnieDarko. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Donnie_Darko> Acesso em 10.dez.2010.

Wikipedia. Resumo do filme Elephant. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Elephant>> Acesso em 10.dez.2010.

Wikipedia. Resumo do filme Entrevista com o Vampiro. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Entrevista_com_o_Vampiro> Acesso em 09.dez 2010.

Wikipedia. Resumo do livro 1984. Disponível em:
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/1984_\(livro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/1984_(livro))> Acesso em 09.dez 2010.

Wikipedia. Resumo do livro A Metamorfose. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Metamorfose> Acesso em 09.dez 2010.

Wikipedia. Resumo do livro Admirável Mundo Novo. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Admiravel_Mundo_Novo> Acesso em 09.dez.2010.

Wikipedia. Resumo do livro Noites Brancas. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Noites_Brancas> Acesso em: 09.dez.2010.

Wikipedia. Resumo do livro Revolução dos Bichos. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Animal_Farm> Acesso em: 09.dez.2010.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!: cinco ensaios sobre 11 de Setembro e datas relacionadas**; tradução Paulo Cesar Castanheira (2003). São Paulo: Bom Tempo Editorial, 2003.

ZWICK, Renato (2008) **Tradução e notas, Além do bem e do mal Prelúdio a uma filosofia do futuro**, de Friedrich Nietzsche, Volume 677 da Coleção L&PM POCKET, PORTO ALEGRE, 2008.

REFERÊNCIAS ÁUDIO-VISUAIS

AMENÁBAR, Alejandro. **Vanilla Sky**. Produção Alejandro Amenábar. USA. Paramount Pictures. 2002. Inglês. 136 min. Som, color.

ANDERSON, Paul T. **Magnolia**. Produção de Paul Thomas Anderson. USA. Ghoualdi Film Company. 1999. Inglês. 188 min. Som. color.

ARCAND, Deny. **Invasões Bárbaras**. Produção de Deny Arcand. Canada/França. Pyramid Productions. 2003. (99 min). Legendado em Português. Som, color.

BAKER, Cliver. **Hellraiser**. Produção de Cliver Baker. USA. Cinemarque Entertainment BV. 1987. Inglês. 94 min. Som. Color.

COLUMBUS, Chris. **Harry Potter**. Produção Chris Columbus. USA. Warner Bros. 2001. Inglês. 152 min. Som, color.

FINCHER, David. **Clube da Luta**. Produção David Fincher. USA. 20th Century Fox. 1999. Legendado em Português. 139 min. color.

FRIEDKIN, Willian. **O exorcista**. Produção de Willian Friedkin, USA. Warner Bross. 1973. Legendado em português. 122 min. Som. color.

HERZOG, Werner. **Nosferatu**. Produção de Werner Herzog. USA. 1979. Inglês. 107 min. Som preto e branco.

JACKSON, Peter. **Lord of the Ring**. Produção Peter Jackson. USA. New Line Cinema. 2001. Inglês. 178 min. Som. color.

HOUSEIN, Robert. **Le Vampire de Dusseldorf**. Produção de Robert Housein, França. Les Productions Georges de Beauregard .1965. Francês. 89 min. Som. Color.

JONHSON. Mark E. **Dare Devil**. Produção de Mark Steven Johson. USA. Marvel Enterprises. 2003. Inglês. 103 min. Som. color.

JORDAN, Neil. **Entrevista com o Vampiro**. [filme-vídeo]. Produção de Neil Jordan. USA. Warner Bross, 1994. Legendado em Português. 122 min, som. color. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Entrevista_com_o_Vampiro>

KELLY, Richard. **Donnie Darko**. Produção de Richard Kelly. USA. Pandora Newmarket films. 2001. Legendado em Português. 113 min. Som. color.

KUBRIC, Stanley. **Clockwork Orange**. Produção de Stanley Kubric. USA. Warner Bross. 1971. Inglês. 136min. Som, color.

KUBRICK, Stanley. **De olhos bem fechados**. Produção Stanley Kubrick. USA. Warner Bross. 1999. Legendado em português. 159 min. Som, color.

MIAZAKI, Hayao. **A viagem de Chiriro**. Produção de Hayao Miazaki. Japão. Studio Ghibli. 2001. Legendado em português. 125 min. Som, color.

ÔTOMO, Katsuhiro. **Akira**. Produção Katsuhiro Ôtomo. Japão. Toho. 1988. Legendado em português. 125 min. Som. color.

RAIMI, Sami. **Spider Man**. Produção Sami Raimi, 2002. USA. Columbia Pictures (112 min). Som, color. Inglês.

RICK, Fernando. **Feto Morto**. Produção de Fernando Rick. Brasil. Black Vomit Films. 2003. Português. 60 min. Som. color.

RICK, Fernando. **Rubão o canibal**. Produção de Fernando Rick. Brasil. Black Vomit Films. 2002. Português. 60 min. Som. color.

RODRIGUEZ, Robert. **Um drink no inferno**. Produção de Robert Rodriguez. USA. Dimension Films. 1996. Legendado em Português. 108 min. Som. color.

ROMERO, George A. **Dawn on the Death**. Produção de George A. Romero. USA. Laurel Group. 1979. Inglês. 139 min. Som, color.

RYMER, Michael. **A Rainha dos Condenados**. [filme-vídeo]. Produção de Michael Rymer. USA. Warner Bross, 2002. Legendado em Português. 101 min. Som. color.

SANT, Guz V. **Elephante**. Produção Gus Van Sant. USA. HBO Films/ Fine Line features. 2003. Inglês. 81 min. Color.

TARANTINO, Quentin. **Kill Bill**. Produção de Quentin Tarantino. USA. Miramax Films. 2003. Inglês. 111 min. Som, color.

ANEXOS

ANEXO 1 – Home dos integrantes

Integrante T

Integrante T

Home | Friends | Messages | Communities | Search | Feeds™ | News | Help | Logout

add as a friend

view complete profile

report as inappropriate

her info

view network

her comm

Fuck Posers
CD VHS
Metal - DR (12)

Strikina
Strikina (EP)
Sadomaso (S&M)

view

about me: estranha, gosto de ler, de sair, de escrever, bobo, sentimental, de melao, sincero, triste, nostalgico, perdidão, sarcástico, ironico, sorriso a flor, te engraço sozinho ou seja, não provável que se vá ao colégio... =)

relationships: single
here for: friends
 no one no
what i'm missing: cefetino
religion: Agnostic
humor: dry/sarcastic, obscure
sexual orientation: straight
 smoking: no
 drinking: socially
 who i like: pet(s)
 the way with exes/no one

interests:
 games: musica, charadas, marangã, sportinho, fôfoca,
 what i love: dormir XD
 books: O Anjo e o Corvo
 Para além da bondade maliciosa
 O Grande Pentateuco
 Os que bebem como os Cães
 Herbo a Lapinha (todas)
 Rush Down Fall - Black Metal

country: Brazil

Testimonials (what friends say about T agoda)

Olá Mãe [redacted] eu tava na sua casa domingo realmente é tor blemo!! hauchuhuuha
 Esse tan fora tá lá na noite... vou te add no bloq tbm, até depois!
 Adorei te conhecer (nem t pagoo mergetia essa frase!)
 tanta tua wa hehe XaxxP!

ahahah esse doido... ai, ninguém vai te odiar né? :))

What hey gndee x))) te amou sua coisa venha :))) voltei na sua casa com o fre heim publicando o post :)))

Olá: hãm... o que dizer sobre a Uerjins?? (hauchuc,

26/11/2004